#95 ▸ **NOVEMBRO 2023** · 0871-004X

Macau 澳門

GRANDE PRÉMIO

SETE DÉCADAS A MARCAR O DESPORTO MOTORIZADO

9 770871 004007 NSSI 0871-004X

TURISMO
HOTÉIS HISTÓRICOS GANHAM NOVA VIDA

CULTURA
100 ANOS DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

GERAÇÃO RAEM
TERRENO FÉRTIL PARA NOVOS TALENTOS

MACAU **MOP30** ▸ HONG KONG **HKD30** ▸ INTERIOR DA CHINA **RMB30** ▸ INTERNACIONAL **US$4**

IC Art 藝文棧

澳門文化局 IC

hushfullmusic

hush!
Concertos na Praia

Yo~ga
Festival do Bem-Estar Io~ga Urbano
2023

Entrada gratuita
www.icm.gov.mo/hush

Entrada com ingresso
mgm.mo

27.10 – 5.11 2023

Praia de Hac Sá e Zona Verde de Lazer Temporária
Centro de Arte Contemporânea de Macau - Oficinas Navais N.º 2
Largo Eduardo Marques, Coloane

Organização
文化局 INSTITUTO CULTURAL
MGM 美高梅

Co-organização
澳門特別行政區政府旅遊局 DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO MACAO GOVERNMENT TOURISM OFFICE

城市瑜伽運動節伙伴
Parceria do Festival do Bem-Estar Io~ga Urbano
Urban Yo~ga Wellfest Partner
IRIS

Apoios
AIR MACAU 澳門航空
大豐銀行 BANCO TAI FUNG
ICBC 工银澳门
BNU
OCBC
Coca-Cola
BEVTECH
MONSTER ENERGY
Rentokil Initial

Macau 澳門

PROPRIEDADE
Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804 Edifício China Plaza, 15.º andar, Macau

TEL. (+853) 2833 2886 | **FAX** (+853) 2835 5426
info@gcs.gov.mo | www.gcs.gov.mo

DIRECTORA
Chan Lou

DIRECTORA EXECUTIVA
Amélia Leong

EDITOR EXECUTIVO
Alberto Au

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO
TEAM Publicações e Consultoria Lda
Avenida da Praia Grande, n.º 763,
Edifício Lun Pong, 9.º andar B, Macau

TEL. (+853) 2835 3934 | **FAX** (+853) 2835 3934
revistamacau@teampublishing.com.mo
www.teampublishing.com.mo

EDITOR
Tiago Azevedo

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Emanuel Graça

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
Ashley Chou

TIRAGEM
500 exemplares

IMPRESSÃO
Tipografia Welfare, Macau

ISSN
0871-004X

Escaneie o nosso código QR e siga-nos nas redes sociais:
FACEBOOK INSTAGRAM TWITTER

App da Revista Macau disponível em:
DISPONÍVEL NO Google Play
Descarregar na App Store

Website:
www.revistamacau.com.mo

Fotografia da capa: Direitos Reservados

GUIA PARA TODOS OS GOSTOS 68

O Grande Prémio de Macau regressa este mês em dose dupla. Ao longo de 70 anos, foram vários os percalços, mas também as emoções, vividas no Circuito da Guia, fazendo deste um evento único no calendário dos desportos motorizados

JOVENS NASCIDOS SOB A LÓTUS 8

São novos, têm ambição e estão agora a despontar nos mais variados campos. A Revista Macau foi falar com quatro membros da geração RAEM

CEM ANOS, AMBIÇÃO AMPLIADA 18

O Instituto de Enfermagem Kiang Wu inicia novo capítulo em instalações mais modernas, no ano em que celebra o seu primeiro século de vida

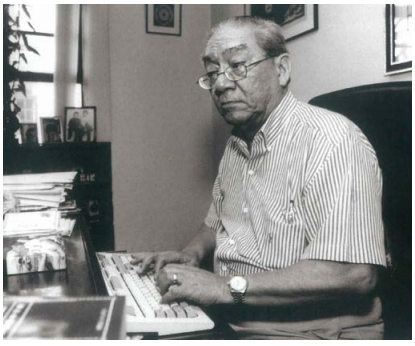
ENTREVISTA

ADVOGADOS DE MACAU APOSTAM NA INTEGRAÇÃO REGIONAL 40

Oriana Inácio Pun, secretária-geral da Associação dos Advogados de Macau, fala sobre as oportunidades criadas pelo projecto da Grande Baía

Regresso ao futuro 24

Hotéis emblemáticos reabrem portas no centro da cidade



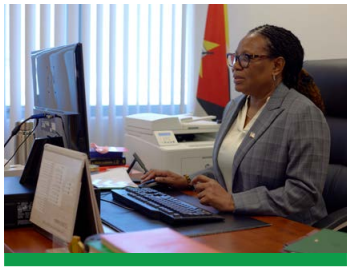
Centenário de Henrique de Senna Fernandes 60

O homem e o escritor sob o olhar da historiadora Tereza Sena, no ano em que se celebram 100 anos do seu nascimento

OUTROS TEMAS

30 O BORDADO E A TRADIÇÃO DOS TRAJES DE CASAMENTO CHINESES

34 ARTISTAS DE MACAU BRILHAM NO PALCO DA GRANDE BAÍA



46 FÓRUM DE MACAU COOPERAÇÃO COM CHINA CRUCIAL PARA MOÇAMBIQUE

50 MACAU E UNIVERSIDADE DE COIMBRA: UMA LIGAÇÃO HISTÓRICA COM FUTURO

56 CLUBES DE LEITURA: O PRAZER DE LER EM BOA COMPANHIA

+MACAU

+78 Leonel Alves pelos caminhos de uma infância feliz

+83 Dedicação e paixão no menu de Palmira Pena

+86 Roteiro

© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Pátria é o alicerce mais firme de Macau, diz Ho Iat Seng

O Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, sublinhou que a Pátria é o apoio mais forte de Macau e também o alicerce mais firme do território no que toca à superação de dificuldades e desafios. As declarações foram proferidas durante a recepção oficial comemorativa do 74.º aniversário da Implantação da República Popular da China, que decorreu a 1 de Outubro e que contou com cerca de 900 convidados.

No seu discurso, Ho Iat Seng salientou que a prosperidade e a estabilidade da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), bem como os progressos obtidos pelo território nas mais variadas vertentes, são indissociáveis do forte apoio da Pátria. O governante sublinhou ainda a importância das políticas e medidas de apoio lançadas pelo Governo Central, nomeadamente para a recuperação económica de Macau no período pós-pandemia.

Olhando para o futuro, Ho Iat Seng frisou ser imperioso a união da população de Macau para, com determinação, colocar em prática de forma abrangente e precisa o princípio "Um país, dois sistemas", salvaguardando o poder pleno do Governo Central e implementando ao mesmo tempo o princípio fundamental "Macau governada por patriotas".

POLÍTICA

Macau dá novo passo contra plástico não-biodegradável

Macau prepara-se para proibir a importação de pratos e copos descartáveis de plástico não-biodegradável, assim como de bandejas descartáveis de esferovite para produtos alimentares. A restrição entra em vigor no início do próximo ano.

O território já tinha anteriormente introduzido medidas similares no que toca à importação de utensílios de mesa descartáveis de esferovite (incluindo caixas para comida, tigelas, copos e pratos), bem como de palhinhas, agitadores de bebidas, facas, garfos e colheres descartáveis de plástico não-biodegradável. De acordo com a Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental, as autoridades locais pretendem continuar a promover, de forma progressiva, medidas de restrição ao uso de plástico, para garantir a qualidade do ambiente em Macau.

© DIREITOS RESERVADOS

AMBIENTE

Governo propõe aumento de salário mínimo

O Governo de Macau propôs um aumento do salário mínimo em cerca de seis por cento, a entrar em vigor no início do próximo ano. De acordo com a proposta, que ainda necessita do aval da Assembleia Legislativa, o valor do salário mínimo mensal passa a cifrar-se em 7072 patacas para remunerações calculadas ao mês, em comparação com as actuais 6656 patacas. Para remunerações calculadas à hora, o valor do salário mínimo passa de 32 patacas para 34 patacas por hora.

© CHEONG KAM KA

A actualização proposta é a primeira desde que o sistema de salário mínimo – cobrindo todos os trabalhadores excepto trabalhadores domésticos ou portadores de deficiência – foi introduzido em Novembro de 2020. De acordo com uma nota do Conselho Executivo, o valor teve como base uma "ponderação geral sobre a macroeconomia e a evolução do mercado de trabalho de Macau".

ECONOMIA

Estradas em expansão

Extensão da rede rodoviária

© DSEC

A rede rodoviária de Macau sofreu um forte desenvolvimento ao longo dos últimos 20 anos, tendo aumentado mais de um terço. Esse crescimento foi fruto não só da expansão da cidade, inclusive através de novos aterros, mas também de medidas de reordenamento do território visando tornar o trânsito mais fluído.

GRÁFICO

44.593

Número total de quartos dos estabelecimentos hoteleiros de Macau em Agosto, a primeira vez que o valor superou a fasquia dos 44 mil.

NÚMERO

"A promoção da diversificação adequada da economia é a prioridade das tarefas políticas do Governo da RAEM"

LEI WAI NONG

SECRETÁRIO PARA A ECONOMIA E FINANÇAS

FRASE

De volta à normalidade

Macau recebeu mais de 932 mil visitantes durante a "Semana Dourada" ligada ao Festival do Bolo Lunar e ao Dia Nacional da República Popular da China, que decorreu de 29 de Setembro a 6 de Outubro. De acordo com a Direcção dos Serviços de Turismo, os números demonstram a "boa tendência de recuperação da indústria turística de Macau" desde o fim das restrições pandémicas, no início deste ano. O número médio de visitantes por dia durante o período festivo superou a barreira dos 116 mil, ou perto de 84 por cento do registado em igual período de 2019, antes do surgimento da COVID-19. FOTO © **DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO**

Melhor prestação de sempre

Um total de seis medalhas, incluindo uma de ouro, além de três de prata e duas de bronze. É este o balanço da prestação de Macau nos Jogos Asiáticos de Hangzhou, que terminaram a 8 de Outubro na capital da província chinesa de Zhejiang. Foi o melhor desempenho de sempre do território na competição. A atleta de wushu Li Yi (na foto, à esquerda) venceu a prova feminina na variante changquan, tendo recebido no local as congratulações do Chefe do Executivo, Ho Iat Seng (direita), que acompanhou a sua prova ao vivo. FOTO © GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

O regresso da pirotecnia

O Concurso Internacional de Fogo-de-Artifício de Macau voltou este ano a abrilhantar os céus de Macau, após um interregno de três anos ligado às restrições associadas à COVID-19. Dez companhias pirotécnicas de todo o mundo participaram naquela que foi a 31.ª edição do certame, que decorreu entre Setembro e Outubro. A equipa vencedora foi a companhia pirotécnica MLE Pyrotechnics Limited, do Reino Unido (prestação na foto). FOTO © DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO

© DIREITOS RESERVADOS

24.º ANIVERSÁRIO DA RAEM

Geração lótus

Celebra-se a 20 de Dezembro o 24.º aniversário do estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). A geração já nascida sob os desígnios da flor de lótus começa agora a despontar para a vida pública. A Revista Macau foi falar com Aaron Lo, Tiago Rodrigues, Angela Wong e Jayden Cheong, quatro jovens do pós-1999 com carreiras em ascensão – uns mais novos, outros mais velhos, mas exemplos da primeira grande fornada de talentos com o "selo" RAEM

Texto | **Vitória Man Sok Wa**
Fotografia | **Cheong Kam Ka**

FOI já há seis anos que o Presidente Xi Jinping sublinhou que "o País prosperará se a juventude prosperar, o País será forte se a juventude for forte". A afirmação, proferida no âmbito do 19.º Congresso Nacional do Partido Comunista da China, mantém-se, contudo, actual, ainda mais no contexto da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), prestes a assinalar o seu 24.º aniversário. O território começa agora a ver os primeiros jovens nados e criados após a transição de administração a assumirem lugares de destaque na sociedade, nos mais variados campos.

De acordo com dados oficiais relativos ao final do ano passado, Macau tinha cerca de 165,3 mil habitantes com idades até 24 anos. Estes correspondiam a quase um quarto da população total, sendo que 83,9 mil eram do sexo masculino e 81,4 mil do sexo feminino.

A geração que está actualmente a despontar para a vida associativa e cultural, e que brilha também com as cores da RAEM no campo desportivo, beneficiou já dos investimentos do Governo da RAEM nas áreas da educação e da juventude. Por exemplo, foi a primeira a lucrar com o facto de Macau se ter tornado, a partir do ano lectivo de 2007/2008, no primeiro território no seio da Grande China a oferecer um sistema de ensino gratuito de 15 anos – desde o ensino infantil até ao final do ensino secundário complementar.

Para além da gratuitidade do ensino, a promoção da diversidade e qualidade da educação tem sido outro dos grandes objectivos da RAEM. Segundo dados dos Serviços de Educação e de Desenvolvimento da Juventude, no presente ano lectivo estão em operação no território um total de dez instituições de ensino superior e 76 escolas de ensino não superior. O ensino gratuito beneficia actualmente cerca de 80 mil alunos.

Em 2013, o Governo da RAEM promulgou e implementou a "Política de Juventude de Macau (2012-2020)", um plano abrangente visando promover o desenvolvimento integral dos jovens. Seguiu-se uma segunda edição, aprovada em 2021, actualmente em vigor e com uma duração de dez anos. Esta orientação abrange os jovens entre os 13 e os 35 anos e cobre cinco grandes temáticas: o sentimento patriótico, a qualidade física e mental, o desenvolvimento integral, a promoção de uma sociedade inclusiva e a participação social no desenvolvimento do país.

Aaron Lo Hou Long, Tiago Rodrigues, Angela Wong Sam In e Jayden Cheong U Tang estão entre os milhares de jovens nascidos já sob a égide da RAEM e que beneficiaram das políticas de apoio ao desenvolvimento da juventude introduzidas após 1999. Cada um deles destaca-se num campo particular, da cultura ao desporto: são parte de uma constelação maior de estrelas em ascensão que promete dourar o horizonte futuro da cidade do lótus.

> Espero combinar a tecnologia e o desporto para contribuir para o desenvolvimento extraordinário de Macau

ENTRE GOLPES DE WUSHU E TECLADO

NASCIDA em 2002, Angela Wong Sam In é já uma das certezas do wushu em Macau, desporto a que se dedica deste os oito anos. A atleta já representou o território em várias competições internacionais, tendo este ano conquistado uma medalha de ouro na variante nanquan, além de uma outra de bronze na variante nandao, nos Jogos Mundiais Universitários. Essas foram as mais recentes conquistas de um palmarés que inclui vitórias em Campeonatos Mundiais Juniores de Wushu e em Campeonatos Asiáticos Juniores de Wushu, prestações que, em 2019, lhe valeram a atribuição de um título honorífico de valor pelo Governo de Macau.

Actualmente a frequentar a licenciatura em ciências da computação da Universidade de Macau, a atleta está a desenvolver um projecto de investigação que junta computadores ao wushu. O seu objectivo é utilizar um sistema de inteligência artificial aplicado ao nanquan.

"Para o nanquan, é essencial criar uma rotina, ou seja, uma combinação de movimentos que demonstrem competência técnica", e que são depois avaliados por um painel de juízes, explica. "Entre inúmeros movimentos, um atleta tem de executar uma rotina completa com uma estrutura rigorosa." Angela Wong acredita que a inteligência artificial pode ajudar os praticantes de wushu a desenhar melhores rotinas, capazes de obter pontuações elevadas.

Apesar dos bons resultados desportivos e académicos, a atleta recorda um período mais negativo, quando começou a sua licenciatura, altura em que enfrentou não só muita pressão devido à nova vida académica, mas também uma lesão grave. Nesse período, o suporte dos pais foi essencial: "Eles ensinaram-me a não desistir a meio do caminho e a não me esquecer dos meus objectivos".

Outro apoio essencial para a sua carreira desportiva – e não só – tem sido aquele disponibilizado pelas autoridades locais, diz. "O Governo de Macau apoiou-me sempre muito. Enquanto aluna, recebi uma bolsa de estudo para a universidade e, enquanto atleta, o Governo tem tido sempre atenção à minha condição física. Quando me lesionei, forneceram-me os melhores médicos para enfrentar os momentos difíceis."

Olhando para o futuro, Angela Wong pretende continuar com uma vida interdisciplinar: a par da participação em grandes competições desportivas, quer apoiar o progresso tecnológico da RAEM. "Estamos na era dos dados e da inteligência artificial, pelo que espero combinar a tecnologia e o desporto para contribuir para o desenvolvimento extraordinário de Macau", diz.

Angela Wong Sam In
ATLETA DE WUSHU

Idade
21 anos (nascido em 2002)

Educação
A frequentar a licenciatura em ciências da computação na Universidade de Macau

> Acreditem em vocês próprios. Comecem por se tornar na vossa melhor versão e as oportunidades vão aparecer

COMPOR O FUTURO A NOTAS MUSICAIS

PARA Aaron Lo Hou Long, a música é mais do que meras notas. É a capacidade de aquilo que está escrito numa pauta poder emocionar profundamente quem ouve. O jovem, nascido em 2004, está a frequentar uma licenciatura em música no Royal Northern College of Music, em Manchester, no Reino Unido. Apesar de se estar a especializar em saxofone clássico, é também um amante do jazz e um pianista experiente.

Começou por aprender piano aos nove anos, alargando os seus interesses musicais para o saxofone aos 12. Desde então, Aaron Lo já alcançou inúmeros prémios, incluindo nas edições de 2020 e 2022 do Concurso de Música para Jovens de Macau, bem como honras internacionais da Associated Board of the Royal Schools of Music. Além disso, foi acumulando experiência em vários agrupamentos musicais.

"Como a minha mãe era professora de piano, cresci num ambiente musical", recorda, acrescentando o papel de Hugo Loi, seu professor de saxofone em Macau, no seu desenvolvimento musical.

No Verão de 2019, Aaron Lo frequentou a "Asia Pacific Saxophone Academy", na Tailândia. Durante o programa de uma semana, ficou impressionado com o desempenho dos estudantes universitários internacionais presentes, mas ainda mais com uma apresentação musical do saxofonista espanhol Xavier Larsson Paez. O impacto foi tal que deu a Aaron Lo o empurrão que faltava para decidir-se por tentar uma carreira profissional como músico. "Foi a primeira vez que me senti tão emocionado com a música. Desde então, o meu objectivo tem sido conseguir fazer o mesmo", sublinha.

O jovem admite que, por vezes, duvidou das suas capacidades. "Toda a gente passa por momentos difíceis, mas, como músicos, temos de continuar a praticar, mesmo quando nos sentimos desinspirados ou cansados", frisa.

Apesar das dificuldades, Aaron Lo nunca ficou sozinho. Em particular, o artista destaca o apoio da família. "Os meus pais proporcionaram-me os melhores professores, os melhores instrumentos e vêm sempre aos meus concertos."

Após completar os seus estudos musicais, os planos de Aaron Lo passam por trazer para Macau aquilo que está a aprender lá fora. Um dos seus desejos é ajudar a cidade a cultivar uma nova geração de músicos, elevando, ao mesmo tempo, o nível do saxofone em Macau e até no interior da China.

Aaron Lo termina encorajando outros jovens a sonhar: "Acreditem em vocês próprios. Comecem por se tornar na vossa melhor versão e as oportunidades vão aparecer".

Aaron Lo Hou Long

MÚSICO

Idade

19 anos (nascido em 2004)

Educação

A frequentar a licenciatura em música na Royal Northern College of Music, Manchester, Reino Unido

> Esforcem-se sempre, não desistam e agarrem cada oportunidade

SEDE DE ACELERAR PARA A HISTÓRIA

O CALENDÁRIO marcava Novembro de 2000 e a RAEM ainda nem um ano tinha. Corria-se o primeiro Grande Prémio de Macau após a transferência de administração: surpreendendo o mundo do desporto automóvel, um piloto da casa, de seu nome André Couto, vencia a corrida de Fórmula 3, prova rainha da competição. Tiago Rodrigues não se lembrará desse dia: só viria a nascer vários anos depois, em 2007. Ainda assim, o início da sua carreira no mundo do desporto automóvel está ligado a Couto, a quem ambiciona suceder um dia no degrau mais alto do pódio do Circuito da Guia.

"Experimentei correr pela primeira vez no simulador do André Couto e apaixonei-me pelo desporto, pedindo ao meu pai que me ajudasse a comprar o meu próprio simulador para treinar", recorda o jovem piloto.

O esforço e a paixão de Tiago Rodrigues transformaram o seu sonho em realidade. Aos 14 anos, obteve a licença desportiva para correr em karts, iniciando de imediato a sua carreira nas pistas. "Um membro da minha família ajudou-me a entrar no karting, que é a base do desporto automóvel", diz o jovem.

Com apenas 16 anos, Tiago Rodrigues participou este ano em várias provas do Campeonato Chinês de Fórmula 4, respectivamente em Zhuhai, Ningbo e Pingtan. Em Ningbo, o jovem de Macau conseguiu mesmo alcançar três pódios num total de quatro corridas.

Apesar dos bons resultados, reconhece os desafios ligados a uma carreira no desporto automóvel, pelas verbas avultadas que tal envolve. Daí a importância do suporte do pai, a quem Tiago Rodrigues agradece o apoio financeiro e emocional. "O meu pai é muito importante: para além de ser o meu patrocinador, é também o meu gestor financeiro."

Tiago Rodrigues quer agora colocar o pé no acelerador até conseguir entrada no mundo da Fórmula 1. A sua inspiração é o actual tricampeão mundial, Max Verstappen – que já correu no Circuito da Guia.

O jovem piloto ambiciona também contribuir com o seu exemplo para o desenvolvimento da sua terra natal, Macau, procurando incentivar mais jovens locais a entrar no desporto automóvel e elevar o nome de Macau em pistas um pouco por todo mundo. Tiago Rodrigues diz que, para si, a vida é como uma corrida: "Esforcem-se sempre, não desistam e agarrem cada oportunidade".

Tiago Rodrigues

PILOTO AUTOMÓVEL

Idade

16 anos (nascido em 2007)

Educação

A frequentar o ensino secundário complementar na Escola Portuguesa de Macau

> Sempre me senti entusiasmado e feliz quando estou em palco

EM BUSCA DOS GRANDES PALCOS

NASCIDO em 2010, Jayden Cheong U Tang é uma estrela em ascensão no campo das artes performativas. “Sempre me senti entusiasmado e feliz quando estou em palco”, revela o jovem. “Não tenho qualquer medo.”

A partir dos cinco anos, começou a aprender uma multiplicidade de artes do palco, do piano ao teatro, à dança hip hop, canto e até mesmo oratória. Com o seu talento, já venceu dezenas de competições localmente e para lá de portas, em campos diversos, da dança à oratória. O jovem já actuou em mais de 20 espectáculos, incluindo em musicais apoiados pelo Fundo de Desenvolvimento da Cultura de Macau e cerimónias de entrega de prémios organizadas pela TDM – Teledifusão de Macau.

Para além das conquistas em palco, Jayden Cheong é igualmente um estudante aplicado, tendo obtido bons resultados académicos ao longo dos anos. Também aqui se acumulam os troféus, a premiar o desempenho em áreas como a matemática e a informática.

O interesse pelas artes do palco foi despontado pela oportunidade de apresentar um espectáculo quando tinha apenas três anos. Foi aí que tudo começou. Pela mesma altura, descobriu também a paixão pela dança. A sua mãe ajudou-o então a entrar numa escola de hip hop. Jayden Cheong passou a actuar em peças de teatro, a cantar e a participar em provas de oratória – até hoje, e sem vontade de abrandar.

Gerir o tempo face a uma agenda tão preenchida é um grande desafio para um rapaz de apenas 13 anos. “Quando os espectáculos são na altura dos exames, às vezes, depois dos ensaios, é quase meia-noite e na manhã seguinte tenho exames”, diz.

Na sua caminhada para conseguir alcançar o sucesso, Jayden Cheong considera que o apoio dos pais e professores no campo artístico tem sido muito importante. “Os meus pais tentam sempre compreender-me, e dão-me o apoio que preciso. E os meus professores dão-me muitas oportunidades de participar em concursos e espectáculos, o que me permite ter grandes experiências”, explica.

No futuro, Jayden Cheong ambiciona participar em espectáculos cada vez maiores e mais desafiantes, de forma a elevar as suas capacidades e, talvez, tornar-se até num actor profissional. Para isso, considera essencial “persistir e seguir” o seu sonho, mas sempre sem descurar “um bom desempenho académico”.

Jayden Cheong U Tang

ACTOR, CANTOR E BAILARINO

Idade

13 anos (nascido em 2010)

Educação

A frequentar o ensino secundário geral na Escola Secundária Pui Ching

Desde 1923, o Instituto de Enfermagem Kiang Wu já formou mais de três mil enfermeiros

INSTITUTO DE ENFERMAGEM KIANG WU

Um século a formar para salvar vidas

O Instituto de Enfermagem Kiang Wu celebra este ano o seu centenário. Mais do que servir apenas para marcar a efeméride, 2023 abre uma nova página na vida daquela que é a mais antiga escola de formação de enfermeiros do território, após a mudança para as suas novas instalações, no Complexo de Cuidados de Saúde das Ilhas

Texto | **Cherry Chan**
Fotografia | **Wong Sio Kuan**

ELES estão um pouco por todo o lado. Da pequena clínica médica de bairro aos principais hospitais da cidade. Os enfermeiros formados pelo Instituto de Enfermagem Kiang Wu correspondem a cerca de 70 por cento dos profissionais em funções em Macau, de acordo com dados da instituição, que celebra este ano o seu centenário. No entanto, é o futuro, não o passado, que ocupa por estes dias os líderes daquela que é a mais antiga escola de enfermagem do território.

Em Março deste ano, decorreu a cerimónia oficial de inauguração do campus do Instituto de Enfermagem Kiang Wu no Edifício Pedagógico de Enfermagem do Complexo de Cuidados de Saúde das Ilhas, um projecto promovido pelo Governo – a mudança, essa, decorreu em Agosto do ano passado. O novo espaço, com uma dimensão total 2,3 vezes superior ao conjunto dos edifícios antes ocupados pelo instituto, visa disponibilizar um ambiente de ensino moderno, com novos laboratórios e outras instalações de ponta.

De acordo com uma nota da Direcção dos Serviços de Educação e de Desenvolvimento da Juventude (DSEDJ), o apoio governamental à mudança de instalações por parte do instituto teve como objectivo "disponibilizar melhores condições e recursos para a formação de quadros na área profissional de enfermagem". Segundo a DSEDJ, "após a integração no novo edifício pedagógico, espera-se que o instituto possa oferecer aos seus professores e estudantes um melhor ambiente pedagógico, assim como formar mais quadros profissionais" para o território.

A instituição tem actualmente em curso um plano de expansão a dez anos, que se estende até 2030, visando aumentar a sua oferta ao nível do ensino superior para entre dez e 12 programas, com o número de estudantes a poder crescer em até dois terços, para mais de 800. Este ano, está previsto o lançamento do primeiro curso de doutoramento do Instituto de Enfermagem Kiang Wu, bem como de um mestrado em gerontologia aplicada.

No ano lectivo 2022/2023, o instituto ministrou um total de três cursos de ensino superior, nomeadamente de licenciatura, mestrado e de pós-graduação, além de um curso de diploma com certificação internacional, contando com mais de 40 docentes e 503 estudantes. No actual ano lectivo, o instituto recebeu 180 novos alunos para a licenciatura em enfermagem e 60 para o mestrado.

Além de disponibilizar programas de ensino superior, a instituição procura também elevar o conhecimento geral da população em áreas ligadas à saúde. "Temos um Centro de Estudos de Enfermagem e Saúde, para o lançamento de alguns programas para o público em geral", em áreas como o apoio a doentes com demência e o socorrismo, afirma Cheong Pak Leng,

A instituição mudou-se este ano lectivo para novas instalações, no Complexo de Cuidados de Saúde das Ilhas

professora assistente no instituto e uma das responsáveis pela área educacional. Por ano, cerca de um milhar de pessoas beneficia deste tipo de formação não-superior, sendo que o objectivo é elevar o número de participantes para 1800 até 2030.

Pioneiro em Macau

Até ao início do século XX, não havia escolas de enfermagem nem formação sistemática para enfermeiros em Macau. Face à crescente procura por este tipo de profissionais, a Associação de Beneficência do Hospital Kiang Wu, responsável por aquele que era já o maior hospital não-público do território, fundado em 1871, decidiu estabelecer a primeira escola de enfermagem da cidade. O passo foi concretizado em 1923.

A preparação de novos enfermeiros ficou inicialmente a cargo de oito médicos mais experientes do Hospital Kiang Wu, como docentes voluntários. O primeiro grupo de estudantes formados pela escola – um total de sete – completou os seus estudos em 1926. Desde então, já receberam formação mais de três mil enfermeiros, de acordo com dados da instituição.

O primeiro campus do Instituto de Enfermagem Kiang Wu foi estabelecido em 1937, com a criação de um edifício para esse fim no complexo do Hospital Kiang Wu. Para fazer face ao crescente número de estudantes, foram construídas novas instalações em 1956, que se mantiveram em funcionamento até ao Verão do ano passado, embora tenham sido alvo de sucessivas renovações e expansões. Em 2012, o instituto passou também a utilizar o edifício Tung On da Associação de Beneficência do Hospital Kiang Wu, para laboratórios. No ano seguinte, estabeleceu uma extensão nos 13.º a 16.º andares do Edifício Macau Daily News, em Mong-Há, para resolver o problema da falta de espaço.

Ao longo dos seus 100 anos de vida, a escola passou por várias mudanças, desde o nome à configuração

O ensino ministrado pelo Instituto de Enfermagem Kiang Wu tem uma forte componente prática

> Os nossos licenciados podem ser enfermeiros registados não só em Macau, mas também no resto da Grande Baía, nos Estados Unidos, no Japão e noutras partes do mundo
>
> **NG WAI I**
> VICE-PRESIDENTE DO INSTITUTO DE ENFERMAGEM KIANG WU PARA A ÁREA ACADÉMICA

dos cursos disponibilizados, que passaram de cursos profissionalizantes para programas de ensino superior. "Um marco importante decorreu em 1997, quando convidámos profissionais da Universidade Politécnica de Hong Kong para nos apoiarem na criação de uma licenciatura em enfermagem, fruto da nossa decisão e determinação em oferecer acesso a graus de ensino superior", conta Ng Wai I, vice-presidente do Instituto de Enfermagem Kiang Wu para a área académica. No seguimento desse processo, o instituto foi convertido, em 1999, em instituição privada de ensino superior, oferecendo inicialmente o grau de bacharelato em enfermagem. A partir de 2002, passou a disponibilizar licenciaturas de quatro anos.

Segundo Ng Wai I, a escola tem vindo a acompanhar a evolução da sociedade ao longo dos tempos. Se, nos primórdios, o tipo de educação disponibilizado estava apenas vocacionado para a formação de enfermeiros, o instituto passou posteriormente a oferecer cursos na área da obstetrícia para fazer face à procura local por parteiras. "A partir dos anos 1980 e 1990, o envelhecimento da população tornou-se um problema maior, pelo que começámos a formar pessoas para cuidar dos idosos", acrescenta a responsável.

Com o lançamento do regime de qualificação e inscrição para o exercício de actividade dos profissionais de saúde, em 2020, e o subsequente estabelecimento do Conselho dos Profissionais de Saúde, passou a existir um enquadramento mais claro para o exercício de funções na área da enfermagem em Macau. "Nestes últimos anos, com o novo regime, os requisitos são mais precisos", reconhece a vice-presidente do Instituto de Enfermagem Kiang Wu. "Porém, antes disso, já tínhamos vindo a participar em avaliações e exames externos, convidando para isso profissionais de outros países e regiões, de forma a garantir a qualidade do nosso ensino."

Ng Wai I salienta que estas avaliações externas não são obrigatórias. Contudo, podem ajudar a aumentar a confiança do público quanto à formação disponibilizada pela escola, além de permitirem que os cursos aí leccionados sejam reconhecidos internacionalmente. "Os nossos licenciados podem ser enfermeiros registados não só em Macau, mas também no resto da área da Grande Baía [Guangdong-Hong-Kong-Macau], nos Estados Unidos, no Japão e noutras partes do mundo", diz.

Enfermeiro, uma profissão de paixão

Embora a maioria dos profissionais de enfermagem em Macau seja do sexo feminino, esta é uma carreira que atrai também muitos homens, como se pode ver pelas

O desafio de ensinar enfermagem

HÁ DIVERSAS carreiras na área da saúde ao dispor de quem completa os seus estudos no Instituto de Enfermagem Kiang Wu. Uma possibilidade é a via do ensino. Esse é o caso de **Cheong Pak Leng**, professora assistente na instituição e responsável pelo programa de licenciatura. Entrou primeiro para a escola em 2004 como aluna, tendo depois trabalhado no Hospital Kiang Wu como enfermeira durante vários anos, até que enveredou pela carreira de professora.

O seu objectivo é "fazer mais" pela área da saúde de Macau, "para trazer mais pessoas para este sector" e ajudar a formar novas gerações de profissionais, diz. A agora académica sublinha o papel específico de quem está a formar enfermeiros. "É necessário ter experiência como enfermeiro profissional, mas também saber ensinar, o que não é fácil."

Para a docente, no caso particular da enfermagem, o ensino e a vertente prática dificilmente podem ser dissociados. Por isso, é necessário ter aquilo que chama de "capacidade de dupla docência", isto é, ser capaz de ensinar de forma eficaz independentemente de ser em ambiente clínico ou em sala de aula, afirma Cheong Pak Leng.

salas de aula do Instituto de Enfermagem Kiang Wu. Hong Kam Wai, enfermeiro da unidade de cuidados intensivos do Hospital Kiang Wu, é um desses exemplos.

Licenciado em 2012, desde então tem trabalhado na área da medicina intensiva. Segundo afirma, a proporção de homens no campo da enfermagem está em expansão. "No passado, os enfermeiros do sexo masculino representavam apenas cerca de dez por cento do total, mas houve efectivamente um aumento", diz. De acordo com dados dos Serviços de Estatística e Censos de Macau, o número de enfermeiros do sexo masculino quase que triplicou na última década, para mais de 350 em 2022.

Ao Hoi Tong espera, daqui a um par de anos, poder ser colega de Hong Kam Wai. A estudante, actualmente no segundo ano da licenciatura em enfermagem do Instituto de Enfermagem Kiang Wu, segue as passadas do pai, também ele enfermeiro. "Sei bastante sobre hospitais desde que era jovem", conta. "Estava bastante determinada em ser enfermeira no futuro." Segundo acrescenta, o que a atrai para a profissão é "o sentimento de ser necessária" para os outros, algo "muito mais importante e significativo" do que um salário porventura mais elevado noutra profissão.

Fok Weng Lam, no último ano da licenciatura, concorda. Também ela diz que escolheu o curso de enfermagem por ser a carreira mais directa para poder auxiliar outros. "Em minha casa, havia um idoso doente", conta. "Quando o via sofrer e não sabia o que podia fazer para o ajudar, era muito triste. Esta é uma das razões por que frequento este programa."

Sobre o Instituto de Enfermagem Kiang Wu, salienta que é "o mais emblemático de Macau no que respeita a cursos de enfermagem". Além disso, a escola "oferece muitas oportunidades de aprendizagem prática, bem como de intercâmbio", diz.

"Alguns institutos de enfermagem [no exterior] concentram-se na parte teórica durante os primeiros três anos e disponibilizam um estágio durante o último ano de estudos", afirma. "Aqui, começamos a estagiar desde o primeiro ano, tendo aulas teóricas e estágio ao mesmo tempo, o que é uma forma de nos familiarizarmos com o ambiente de trabalho."

FELICITA O 24º ANIVERSÁRIO DO ESTABELECIMENTO DA REGIÃO ADMINISTRATIVA ESPECIAL DE MACAU

金沙中國
Sands China Ltd.

Sands MACAO
THE VENETIAN MACAO
FOUR SEASONS MACAO
THE PARISIAN MACAO
THE LONDONER MACAO

ST REGIS MACAO
The Grand Suites at Four Seasons
FOUR SEASONS HOTEL MACAO
LONDONER COURT MACAO
The LONDONER Hotel MACAO
CONRAD MACAO
SHERATON GRAND Macao

The Four Seasons, St Regis, Sheraton and Conrad logos are registered trademarks of their respective owners and are used under license.

HOTÉIS HISTÓRICOS

O renascer dos gigantes

Em Agosto, após mais de dois anos de renovação, reabriu portas o Grande Hotel, um edifício em tempos dos mais majestosos de Macau, no final da Avenida de Almeida Ribeiro. Para o início do próximo ano está prevista a abertura do Hotel Central, complexo que, no passado, foi o mais emblemático hotel da cidade

Texto | **Nelson Moura**
Fotografia | **Wong Sio Kuan**

DE UMA assentada, dois hotéis icónicos da Avenida de Almeida Ribeiro acordaram de um longo sono prolongado, com o Grande Hotel a abrir portas em Agosto deste ano e o Hotel Central a preparar-se para fazer o mesmo em Janeiro de 2024.

A Revista Macau mergulhou na longa história destes dois imóveis e conversou com os proprietários para saber mais sobre os esforços para modernizar os dois hotéis, bem como preservar as características arquitectónicas e os seus elementos históricos.

Apesar das alterações visíveis na paisagem da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), o Hotel Central continua a ser o edifício mais alto da Avenida de Almeida Ribeiro, também conhecida como San Ma Lou, mantendo uma vista invejável do centro histórico de Macau, desde a Fortaleza do Monte às Ruínas de São Paulo e ao Porto Interior.

"É uma vista com mais de 100 anos. Vamos construir uma plataforma panorâmica para todas as pessoas poderem desfrutar desta vista", diz à Revista Macau Simon Sio, secretário-geral da imobiliária Lek Hang.

Construído em 1928, o Hotel Central nasceu como Hotel Presidente, sendo rebaptizado com o seu nome actual em 1932.

Em 1937, o hotel recebeu investimento da Companhia Tai Heng, na altura a concessionária exclusiva da exploração de jogos de fortuna ou azar, controlada pelos comerciantes Fu Tak Iam e Kou Ho Neng. A Tai Heng procedeu a uma renovação do hotel e, nesse mesmo ano, abria o Hotel Central e Casino, oferecendo espaço de jogos de fortuna ou azar no seu quinto e sétimo andares. Na altura, foi o primeiro edifício em Macau com elevadores.

Como o jogo era ilegal na província de Guangdong, "os

da San Ma Lou

O renovado Hotel Central vai manter as características do edifício originalmente construído em 1928

jogadores de Hong Kong logo inundaram a cidade, e, num piscar de olhos, o Hotel Central, localizado na Avenida de Almeida Ribeiro, e os casinos espalhados pelas estreitas vielas da Rua da Felicidade, Travessa do Auto Novo e Yee On Kok estavam lotados. Macau experimentou um ressurgimento económico, e a sua fama como o Monte Carlo do Oriente espalhou-se como fogo", indica o livro "The Fu Tak Iam Story".

Segundo a obra de Adrian Fu, havia uma intensa rivalidade entre os proprietários do Hotel Central e do então Hotel Internacional pelo glamoroso título de hotel mais alto da cidade.

Quando o magnata Huo Zhiting construiu o Hotel Internacional no final da San Ma Lou, ordenou que este tivesse nove andares, para que, quando fosse inaugurado em 1941, fosse mais alto do que o Hotel Central.

Isso levou os responsáveis do Hotel Central a ordenar imediatamente uma expansão e renovação do edifício, de maneira a acrescentar mais dois andares até 1942, tornando-o novamente a estrutura mais alta de Macau com 11 pisos.

Na década de 50, o Hotel Central contava também com um restaurante chamado Golden City, no sexto andar, um salão de dança e um bar, uma casa de chá de ópera chinesa e vários outros restaurantes, tornando-se rapidamente um pouso popular para a elite da cidade.

No entanto, no início da década de 1960, com a perda da sua concessão de jogo para a Sociedade de Turismo e Diversões de Macau (STDM), o casino do Hotel Central foi obrigado a encerrar, dando início ao declínio do hotel e a várias décadas de abandono.

No início de 2016, a Lek Hang entrou em cena com o novo proprietário, Simon Sio, a sublinhar os seus planos para renovar as instalações e reabrir o local como um novo hotel que irá preservar parte da história da cidade e ajudar a revitalizar a área do Largo do Senado.

"Eu conheço os proprietários originais há muito tempo. Na altura, os proprietários diziam que o edifício era muito velho e tinham receio que algo acontecesse. Era uma família muito grande, muitos proprietários. Um dia disseram-me que queriam vender, mas decidiram fazê-lo através de concurso por convite. Eu fui um dos convidados", lembra Simon Sio.

"Submetemos um pedido e ganhámos em 2016, com uma proposta de 1,5 mil milhões de dólares de Hong Kong. Nessa altura, adquirimos apenas 64 por cento do imóvel à família Fu, com o restante nas mãos da família Kou. Depois, negociei com a família para adquirir também a parcela deles."

Está previsto que os trabalhos de renovação do Hotel Central terminem este ano. O imóvel já possui licença de hotel e, após as necessárias inspecções pelas autoridades locais, a abertura deve ter lugar no início de 2024.

"O novo Hotel Central terá 114 quartos, vamos tentar oferecer o melhor serviço aos hóspedes. Queremos que se sintam como se estivessem a viver nos anos 30 e 40 do século passado", aponta o secretário-geral da imobiliária Lek Hang.

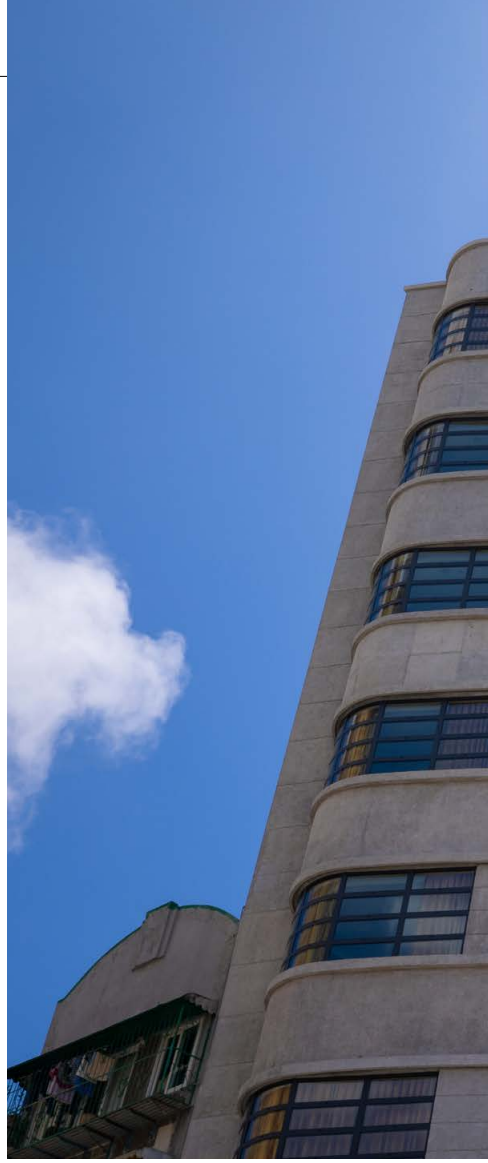
A paixão que Simon Sio demonstra pelo Hotel Central é palpável e muito se deve ao facto de o empresário ter nascido e crescido mesmo ao lado do hotel.

"Eu nasci em 1959 e a minha família morava em frente, do outro lado da rua [do hotel]. Na altura, Macau era muito pobre. Muitas vezes, após voltar da escola, eu corria para dentro do hotel. Um dia apanharam-me e atiraram-me de lá para fora", conta o agora proprietário do estabelecimento.

"O meu primeiro emprego foi no Banco Tai Fung [em frente ao hotel] e às vezes ia com os meus colegas almoçar ao restaurante do hotel, era o melhor naquele tempo. Já na altura eu imaginava que um dia ia comprar este hotel, pois desde pequeno que olhava para o gigante e tinha esse sonho", recorda.

O renovar da história

Segundo Simon Sio, o interior do hotel estava em "muito mau estado" quando foi adquirido e muito trabalho de restauração e de suporte foi necessário para assegurar que a estrutura se mantinha segura durante as obras.



No total, o hotel foi alvo de duas remodelações, a primeira para assegurar que a estrutura em alicerces se mantinha estável, e a segunda com a intervenção de vário arquitectos de Macau, Hong Kong e do Interior da China para decidir como ressuscitar o icónico edifício sem o fazer perder as suas características originais.

Uma companhia de design de interiores de Shenzhen foi contratada para desenvolver o conceito de decoração interior, optando por um design vintage que adorna os 114 quartos do renovado hotel.

O Grande Hotel reabriu portas em meados de Agosto, como um hotel de duas estrelas

"Consultámos também um professor para saber melhor como recriar a história do hotel. Estamos também a produzir um documentário sobre o hotel e a Avenida de Almeida Ribeiro e a editar um livro sobre o Hotel Central", revela Simon Sio.

A empresa trabalhou também em estreita colaboração com o Instituto Cultural de Macau, de maneira a estabelecer que características do exterior do hotel seriam mantidas.

"Toda a fachada será preservada e a sua estrutura e altura actuais serão mantidas. O letreiro original tem de ser mantido, o Instituto Cultural insiste que tem de ter os caracteres originais, do mesmo tamanho, da mesma cor. Queremos manter a memória original do hotel", aponta o proprietário.

"Tivemos muitas reuniões, contactos e discussões com o Instituto Cultural sobre a melhor maneira de preservar o edifício, mas recebemos muita assistência da parte deles também", assegura.

"Juntos podemos escrever uma nova página da sua história. Queremos que este 'idoso' de 100 anos viva mais 100 anos."

Do meio ao fim da rua

A cerca de 500 metros do Hotel Central, localizado em frente ao complexo Ponte 16, encontra-se outro ex-libris da cidade agora renovado, o Grande Hotel. Projectado em 1937 pelo engenheiro português João Canavarro Nolasco e concluído em 1940, o Grande Hotel era considerado um dos edifícios mais majestosos da cidade naquela época.

Uma empreitada conjunta entre Fok Bo-choi, filho do empresário de Guangzhou Fok Chi-ting, e o seu primo, Wu Weiting, o hotel oferecia um restaurante de comida chinesa, um de comida ocidental, um cabeleireiro, um salão de dança e um bar, com um clube nocturno no terraço.

Um importante edifício de estilo modernista em Macau, o hotel com cerca de 40 metros de altura e nove pisos permaneceu desocupado durante décadas após ter sido encerrado em 1996. O edifício foi posteriormente vendido, parcialmente renovado e readquirido pelos seus actuais proprietários, Casa Hotel Management.

Esta empresa, gerida por três irmãs – Vivian Lu, Jessica Lu e Veronica Lu –, é actualmente responsável por nove hotéis low-cost, todos decorados com toques de Portugalidade.

Os quartos do renovado Hotel Central apresentam um estilo de decoração vintage

> O novo Hotel Central terá 114 quartos, vamos tentar oferecer o melhor serviço aos hóspedes
>
> **SIMON SIO**
> SECRETÁRIO-GERAL DA IMOBILIÁRIA LEK HANG

"Os anteriores proprietários enfrentaram muitos problemas na remodelação e decidiram vender. O investimento para adquirir e renovar o hotel atingiu os 700 milhões de dólares de Hong Kong", conta Vivian Lu à Revista Macau.

"Considerando a quantidade de hotéis de cinco e quatro estrelas que existe na cidade, vimos uma oportunidade de oferecer mais escolhas low-cost aos turistas. Uma escolha conveniente e mais acessível para se visitar Macau", acrescenta.

"O factor histórico contou muito na decisão de comprar o Grande Hotel. Estava abandonado há muito tempo e em péssimo estado. Queríamos ressuscitar este ícone da cidade, mas adaptando-o ao nosso modelo de negócio", destaca Vivian Lu. "A nossa ideia nunca foi ser o hotel mais luxuoso de Macau, mas criar uma oferta acessível e que permita a mais pessoas conhecer o centro histórico da cidade."

Vivian Lu diz também que o projecto foi de encontro às pretensões da Direcção dos Serviços de Turismo, visto que um dos objectivos passa por criar maior dinâmica turística nas redondezas da Avenida de Almeida Ribeiro, considerando que a maioria do movimento de visitantes tem lugar junto do Largo do Senado.

"Ter o hotel aqui tem atraído mais pessoas para esta zona e para a área do Mercado de São Lourenço", adianta Vivian Lu.

O processo de recuperação do Grande Hotel teve início em 2021 e foi no mínimo "desafiante", conta

> O factor histórico contou muito na decisão de comprar o Grande Hotel. Queríamos ressuscitar este ícone da cidade, mas adaptando-o ao nosso modelo de negócio
>
> **VIVIAN LU**
> UMA DAS PROPRIETÁRIAS DA CASA HOTEL MANAGEMENT

a responsável. "Os requisitos urbanísticos em 1937 eram muito diferentes e, devido à idade e ao estado de conservação do edifício, muito trabalho teve de ser efectuado para ter a certeza que o edifício cumpria com todos os requisitos de segurança. Estudámos também várias fotografias históricas para conseguir perceber melhor como era o hotel", recorda.

Desde o início, a empresa planeava manter a estrutura, dimensão, arquitectura e alguns detalhes interiores originais do Grande Hotel.

"O design interior é a nossa visão da fusão de elementos portugueses e chineses. O mais desafiante foi o exterior do hotel, pois foi necessário manter a fachada de pedra exactamente como era anteriormente. A fachada foi construída com pedra de calcário e, actualmente, é quase impossível arranjar alguém especializado neste tipo de construção", realça Vivian Lu.

"Tivemos de procurar muito bem os artesãos que pudessem ajudar com o tipo de pedra usado no exterior do hotel. Tentámos vários métodos para que a pedra mantivesse o mesmo aspecto, mas acabou por não funcionar devido a certos problemas", recorda.

Segundo Vivian Lu, os requisitos impostos pelo Instituto Cultural eram muitos e variados, principalmente no que toca à fachada e às janelas. "Por exemplo, o estilo da moldura das janelas teve de ser mantido. O tipo de fonte no nome do hotel tem de ser o mesmo também. Tivemos de procurar um mestre de caligrafia só para tratar disto", revela a proprietária.

Apesar de o restaurante original do hotel ser uma das suas maiores atracções durante os seus tempos de glória, Vivian Lu diz que, após estudar a situação, a empresa decidiu não reabrir o espaço, pois "as ofertas de restauração na cidade são já consideráveis".

O hotel possui actualmente quase 100 quartos e, apesar de várias obras de renovação ainda estarem em curso, os proprietários decidiram por uma abertura parcial a 18 de Agosto. A procura, diz a responsável, tem justificado a decisão da empresa em fazer renascer o Grande Hotel, numa altura em que o número de turistas em Macau continua a aumentar.

O Grande Hotel disponibiliza agora 96 quartos

LOJAS COM HISTÓRIA

Vestir a felicidade em

A confecção de trajes de casamento chineses é uma das tradições locais incluídas no Inventário do Património Cultural Intangível de Macau. A Loja de Bordados Choi Sang Long, já centenária, é um dos estabelecimentos que mantêm viva esta forma de arte: aqui, um vestido produzido de forma artesanal pode demorar mais de meio ano até estar pronto

Texto | **Cherry Chan**
Fotografia | **Wong Sio Kuan**

É NUMA das zonas mais antigas de Macau, a Rua dos Mercadores, que a tradição ainda é o que era. Aí se situa a Loja de Bordados Choi Sang Long, nome reputado localmente quando em causa está todo o universo de artigos necessários para celebrar um matrimónio auspicioso à maneira chinesa, a começar pela indumentária tradicional.

No interior do estabelecimento, predominam os tons de vermelho, pontuados por elementos em dourado. Afinal, são estas as cores preponderantes em qualquer boda chinesa, em particular o vermelho, por estar associado a momentos felizes e repletos de alegria – aquilo que se deseja a qualquer parelha de noivos para a sua vida futura em comum.

Atrás do balcão, está Wong Wing So, actual proprietário da loja. O septuagenário tomou conta do negócio familiar ainda na flor da idade, contando agora com cerca de meio século de experiência a vender felicidade a casais alheios.

A data da fundação da Choi Sang Long – cujo nome em chinês combina os caracteres alusivos a "colorido", "negócio" e "prosperidade" – está já perdida nos anais da história. Certezas? Apenas que é um estabelecimento centenário.

No início, a loja não se dedicava à venda de vestuário e objectos cerimoniais de casamento: era um negócio de tingimento e comercialização de tecidos para o sudoeste asiático. O avô de Wong Wing So, então um funcionário da tinturaria, eventualmente assumiu a propriedade e deu início a uma empreitada que vai agora na terceira geração.

Foi a partir dos anos 1950, de forma gradual e já sob a gestão do pai do actual proprietário, que o estabelecimento passou a vender tanto indumentária formal de estilo ocidental como vestidos tradicionais chineses, acabando por se especializar em trajes matrimoniais. A especialização fazia sentido, já que nas imediações existiam outras lojas ligadas ao negócio dos casamentos, desde a produção de bolos tradicionais à comercialização de artigos em ouro, presença essencial numa boda chinesa.

De resto, a localização actual da loja não é a original, embora esta nunca tenha saído da Rua dos Mercadores. Segundo explica Wong Wing So, o estabelecimento teve de mudar de edifício, devido a um processo de reordenamento urbano durante a década de 1940. Apesar de um grave incêndio durante os anos 1990 que quase deitou tudo a perder, a Choi Sang Long conseguiu reerguer-se e reabrir portas meio ano após o desastre, portas essas que, três décadas depois, continuam a receber novos casais de noivos.

Por entre fénixes e dragões

A vetustez do estabelecimento é uma das razões que atrai à Choi Sang Long inúmeros nubentes, em busca de ofertar ao seu casamento uma patine de tradição,

linhas de tradição

A Loja de Bordados Choi Sang Long fica situada na Rua dos Mercadores

respeitando os costumes chineses. São muitos os passos a cumprir: na véspera ou madrugada do dia do matrimónio, a noiva participa numa cerimónia em que o seu cabelo é penteado usualmente pela mãe, simbolizando o caminho para uma vida adulta. Há depois a cerimónia de chá, em que os nubentes se ajoelham e servem chá aos pais e familiares de ambas as famílias, e ainda a cerimónia de preparação da cama para os já recém-casados, com recurso a lençóis vermelhos, para que o novo casal viva em harmonia, felicidade e... tenha rapidamente uma criança.

Para cada momento são necessários objectos específicos, carregados de simbolismo. “Os conjuntos cerimoniais de chá, os envelopes vermelhos ‘lai si’, o pente, os lençóis... podemos preparar tudo isso para os noivos”, diz Wong Wing So. No entanto, o que distingue a loja são mesmo os seus trajes de casamento, até porque este é considerado um dos elementos de maior

importância para a celebração, carregando os desejos de uma união próspera e feliz.

Segundo explica o proprietário da Choi Sang Long, o vestido de casamento tradicional chinês é composto por duas partes: uma saia comprida conhecida por "qun" e a correspondente jaqueta, denominada de "gua". Ambas as peças apresentam intricados padrões bordados onde se destacam as figuras de dragões e de fénixes. A escolha por estes animais mitológicos não é aleatória: na língua e cultura chinesas, o ditado "o dragão e a fénix trazem prosperidade" é foneticamente parecido com a expressão "amor duradouro".

A tradição chinesa manda que os bordados sejam feitos utilizando fios de ouro e prata, seguindo técnicas artesanais, "o que requer mais tempo", explica Wong Wing So. "Quando fazemos um traje desde o início à mão, é frequente demorarmos quatro, cinco ou mesmo mais de seis meses a terminar." Tudo para que o produto final seja "muito pormenorizado e bonito", assegurando a uniformidade e simetria dos padrões, a consistência dos bordados e a qualidade do trabalho, nota o proprietário da Choi Sang Long.

Há, depois, um outro método, utilizando lantejoulas. "Este consome menos tempo, uma vez que podemos juntar várias lantejoulas de uma só vez", refere Wong Wing So.

Devido ao elevado custo associado aos trajes tradicionais, a Choi Sang Long recorre a outsourcing junto de empresas do Interior da China para parte da sua produção. Ainda assim, cada conjunto pode valer dezenas de milhares de patacas: quanto mais complexo e extenso o tipo de padrão bordado, mais cara se torna a peça. Daí que haja casais de noivos que prefiram alugar o traje ao invés de o adquirir.

Existe também a possibilidade de comprar vestidos produzidos em fábrica, cujo custo é menor, mas com impacto no que toca à qualidade e conforto finais. "Actualmente, já há alguns vestidos produzidos à máquina, mas quando os mostramos aos clientes, os vestidos são frequentemente considerados demasiado rígidos, fazendo com que as pessoas que os usam pareçam robôs", comenta Wong Wing So.

> Quando fazemos um traje desde o início à mão, é frequente demorarmos quatro, cinco ou mesmo mais de seis meses a terminar
>
> **WONG WING SO**
> PROPRIETÁRIO DA LOJA DE BORDADOS CHOI SANG LONG

Um conjunto de casamento pode valer dezenas de milhares de patacas, em função dos bordados utilizados

O responsável nota que, apesar de o número de lojas que comercializam vestidos tradicionais de casamento ser limitado, continua a ser prática comum "que as noivas vistam estes trajes durante a cerimónia de oferta de chá aos membros mais idosos da família". Segundo afiança, são vários os casos em que mãe e filha adquiriram o seu vestido na Choi Sang Long.

Elevado valor cultural

De acordo com o Instituto Cultural, a confecção de trajes de casamento chineses tem um "profundo valor cultural", sendo uma "arte única", transmitida ao longo de gerações. Em 2020, a prática foi adicionada ao Inventário do Património Cultural Intangível de Macau.

Wong Wing So diz que, devido à distinção, "há mais pessoas interessadas nesta forma de produção artesanal e mais pessoas a discutir esta arte". O responsável considera que tal é positivo: "Havendo mais atenção do público, a indústria desenvolver-se-á melhor".

Em paralelo, o Governo de Macau tem vindo a apostar, de forma crescente, na promoção das zonas antigas da cidade e na divulgação das indústrias tradicionais do território, junto de locais e turistas. A Loja de Bordados Choi Sang Long consta em percursos de promoção do comércio tradicional sugeridos por entidades governamentais. "Estas promoções permitem que mais pessoas nos conheçam, e, naturalmente, isso ajuda-nos a ganhar popularidade", sublinha Wong Wing So.

Olhando adiante, o responsável afirma que o futuro da arte de confecção de trajes de casamento chineses depende do interesse demonstrado pelas novas gerações. "Se estas tiverem vontade de continuar, então esta forma de artesanato pode prolongar-se", vaticina.

VER VÍDEO AQUI

INDÚSTRIAS CRIATIVAS

Espalhando talento

No âmbito do projecto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, as indústrias criativas e culturais surgem como uma das áreas de destaque. A Revista Macau conversou com artistas locais que estão a utilizar a Grande Baía como palco privilegiado para disseminar o seu talento, de modo a perceber de que forma é que a integração regional beneficia as suas carreiras

Texto | **Viviana Chan**

"CRIAR produtos culturais de selecção, promover a prosperidade do mercado cultural e enriquecer a vida cultural dos residentes": o conjunto de objectivos surge nas "Linhas Gerais do Planeamento para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau", como parte do esforço conjunto das três regiões para "um desenvolvimento cultural próspero". De acordo com quatro empreendedores de Macau ligados ao campo artístico, o projecto da Grande Baía está a abrir novas oportunidades profissionais para os artistas locais do lado de lá das Portas do Cerco, onde o mercado é maior e as possibilidades mais amplas.

Sanchia Lau, designer nascida em Macau ligada ao campo da moda, é um exemplo de criadores locais que estão a utilizar a Grande Baía para ir mais além profissionalmente. Depois de ter estudado design de tecidos na Escola Central de Design de Arte de Saint Martins, no Reino Unido, e design de moda na Academia Central de Belas Artes da China, regressou a Macau, onde fundou em 2017 a marca homónima "SANCHIALAU". Esta dedica-se a incorporar conceitos artísticos em diversos tipos de produtos, incluindo artigos para o lar e peças de vestuário, entre outros.

Desde cedo, o rápido desenvolvimento da Grande Baía chamou a sua atenção. A empreendedora tem estado envolvida em diferentes projectos do outro lado da fronteira, de instalações artísticas a design de interiores.

"A Grande Baía desfruta de vantagens essenciais no que toca à indústria do design: a proximidade com o mercado e a cadeia de fornecimento", diz à Revista Macau a também presidente da Associação de Arte e Marca Crossover de Macau e membro da Associação de Design de Guangdong. "Em questão de horas, posso encontrar os materiais necessários para os meus produtos. Ou, em menos de uma hora de viagem pela Ponte do Delta, chego a Hong Kong, onde posso estabelecer conexões globais."

Promover a singularidade de Macau

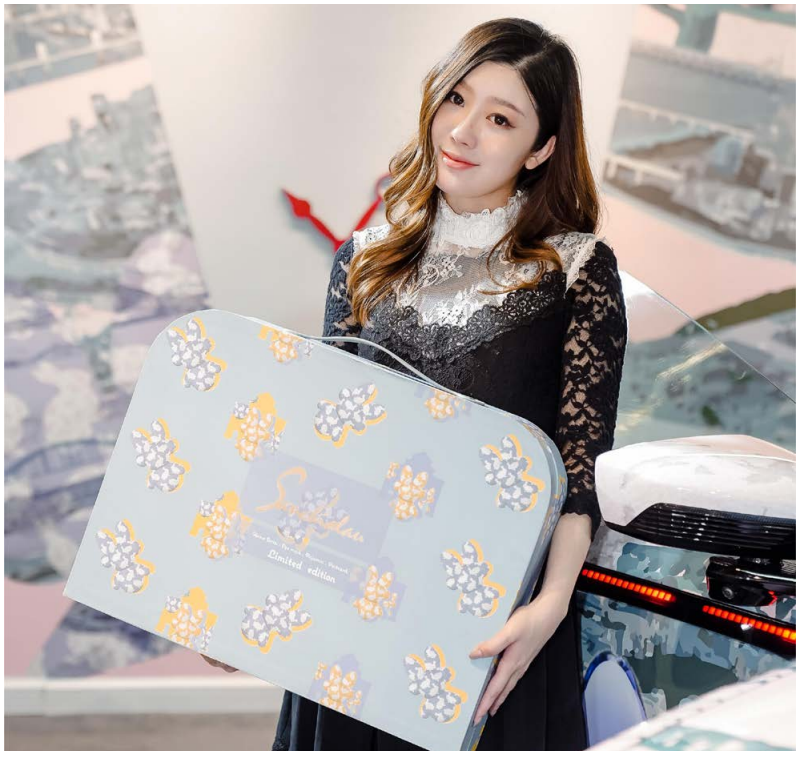
Sanchia Lau salienta a importância de ter participado em vários projectos apoiados pelo Instituto Cultural (IC), o que permitiu dar exposição ao seu trabalho, antes do

pela Grande Baía

pulo para Guangdong. Em 2017, foi convidada para a realização de um projecto de oficina de moda e arte destinado a jovens a convite do Museu de Arte de Macau. Além disso, é uma das designers representadas no projecto "Galeria de Moda de Macau", fruto de uma parceria entre o IC e o Centro de Produtividade e Transferência de Tecnologia de Macau. Participou ainda na primeira edição do Programa de Embaixadores Culturais de Macau, promovido pelo IC.

Os elementos culturais do território estão entre as principais fontes de inspiração para Sanchia Lau. "Muitos dos produtos que desenvolvemos incorporam o património cultural de Macau, como as Ruínas de São Paulo e as Casas-Museu da Taipa", afirma. A designer observa que, com o aprofundamento do intercâmbio artístico entre Hong Kong, Macau e o Interior da China, cada vez mais exposições temáticas da Grande Baía estão a dar atenção aos elementos de Macau. Sanchia Lau sublinha, porém, que a competição na Grande Baía será cada vez mais acirrada. Para desenvolver marcas ou projectos artísticos, é necessário encontrar os melhores canais para exibir os produtos e elevar a eficiência da conversão de visualizações em compras. Por outras palavras, os artistas e as empresas precisam de combinar criatividade artística e mercado para criar valor comercial, diz.

© DIREITOS RESERVADOS



Sanchia Lau, designer e artista

Uma subsidiária da empresa fundada por Sanchia Lau está já presente na ilha de Hengqin, na província de Guangdong, mas a empreendedora afirma que ainda é um grande desafio competir com as empresas de grande dimensão que dominam o mercado no Interior da China. A própria admite que, sem o apoio das autoridades, é difícil conquistar uma parcela maior do negócio. No caso de Macau, a empreendedora aponta para a importância de os artistas locais se juntarem em grupos, para abordarem o mercado da Grande Baía de forma colectiva, em vez de isoladamente. Essa estratégia, na

sua opinião, tem maior possibilidade de sucesso.

"Sem Sorriso" com razões para sorrir

Divulgadas em 2019, as Linhas Gerais do Planeamento para o Desenvolvimento da Grande Baía mencionam que, tendo em conta que Hong Kong, Macau e as nove cidades da província de Guangdong que integram o projecto têm uma estreita ligação em termos culturais e humanos, a promoção da cooperação cultural oferece benefícios óbvios. A marca criativa co-fundada por Lei Wai Kit é exemplo disso.

Embora a sua formação universitária não esteja relacionada com o campo artístico, foi por aí que tudo começou: foi durante os estudos em Guangzhou que encontrou o seu parceiro de negócios. Além disso, como estudante, adquiriu familiaridade com a capital da província de Guangdong, o que posteriormente lhe viria a ser útil para desenvolver uma carreira profissional na cidade.

Lei Wai Kit co-fundou a marca "Sem Sorriso" – assim mesmo, em português – em 2021. A marca de artigos "streetwear" nasceu em Macau, utilizando uma das línguas oficiais da região e com um "look" associado à cultura hip-hop e do graffiti.

O jovem admite que a marca tem vindo a ser bem aceite no mercado da Grande Baía, não só por ter características únicas, mas também pela sua identidade ligada a Macau. Essa identidade, diz, é um passaporte que facilita a cooperação com entidades da província de Guangdong. "Tanto os serviços públicos como as entidades comerciais têm os braços abertos para projectos artísticos de Macau e Hong Kong", nota.

O empreendedor afirma que a iniciativa de criar a marca "Sem Sorriso" foi motivada pela pandemia da COVID-19. O próprio nome está ligado a esse período, uma altura em que as pessoas passaram por muitas dificuldades e era necessário encontrar plataformas para expressar as suas emoções menos positivas. "Tradicionalmente, somos pressionados a manter sempre um sorriso. No entanto, queríamos transmitir às pessoas que estava tudo bem se não quisessem sorrir", conta Lei Wai Kit.

Também devido à COVID-19, o jovem decidiu mudar-se para Guangzhou, visto que as dificuldades logísticas ligadas às restrições anti-pandémicas estavam a dificultar o crescimento da sua marca. No entanto, a decisão foi tomada não apenas devido às circunstâncias do momento, mas também a pensar no futuro.

Na opinião de Lei Wai Kit, Guangzhou oferece um leque amplo de oportunidades para artistas e empreendedores ligados às indústrias criativas. Segundo afirma, a cidade possui uma forte cultura de promoção do

© DIREITOS RESERVADOS

Lei Wai Kit, co-fundador da "Sem Sorriso", marca de "streetwear"

empreendedorismo e um mercado de consumidores mais amplo em comparação com Macau.

O jovem aponta que a sua marca conseguiu obter diversas oportunidades de exposição em colaboração com outras formas de arte, como, por exemplo, com bandas de música, ou aproveitando o próprio património cultural imaterial de Guangdong, nomeadamente a arte marcial chinesa Weng Chon (também conhecida por Wing Chun).

Lei Wai Kit nota que há uma elevada oportunidade de exposição do seu trabalho na Grande Baía. No Interior da China, existem diversos canais de promoção, tanto online como offline, explica.

"O crescimento de uma marca em Macau normalmente dá-se passo a passo, por isso, o progresso é mais lento. Na Grande Baía, os respectivos serviços governamentais podem oferecer uma ampla variedade de plataformas para as empresas promoverem os seus produtos", nota o fundador da "Sem Sorriso". "Os empreendedores provenientes de Macau e Hong Kong recebem apoios especiais, o que acelera o crescimento dos projectos incubados aqui."

© DIREITOS RESERVADOS

Raymond Iong Tat Chi, mágico

A magia da integração regional

No campo das indústrias criativas, não são só empreendedores que estão a fazer uso da Grande Baía para fazer crescer os seus projectos empresariais. Muitos performers ligados às artes do palco, bem como artistas plásticos e profissionais do cinema, entre outros, estão a aproveitar as oportunidades oferecidas pela integração regional.

Raymond Iong Tat Chi, icónico mágico local com mais de 35 anos de carreira, é um dos pioneiros nesse âmbito, tendo-se iniciado na exploração do mercado de Guangdong ainda antes mesmo da transferência de administração de Macau. O artista começou a expandir a sua carreira profissional para a província vizinha a partir de 1996, bem antes de outros. O motivo foi simples: o mercado de Macau era pequeno demais para sustentar uma vida como artista profissional.

Quando surgiu a possibilidade de se tornar instrutor de magia em Guangdong na década de 1990, Raymond Iong aproveitou imediatamente para começar a criar uma base em Guangzhou. O veterano mágico indica que as autoridades do Interior da China valorizam muito as artes do palco, oferecendo bastante apoio aos artistas.

"Quando comecei a trabalhar no Interior da China, inicialmente quase não tinha espectáculos, porque ninguém me conhecia, mas depois ganhei alguns prémios internacionais de magia e muitos departamentos governamentais, incluindo alguns governos a nível distrital, começaram a convidar-me

para desenvolver projectos", recorda. Desde então, muito mudou: hoje, o mágico afirma que Guangzhou serve, inclusive, como plataforma para encontrar oportunidades de trabalho não só no resto do país, mas mesmo além-fronteiras. "Acredito que as metrópoles da Grande Baía também sejam uma boa plataforma de promoção", afirma.

Actualmente, as autoridades do Interior da China oferecem muito suporte aos artistas e empreendedores de Macau e Hong Kong, incluindo até mesmo apoio monetário, nota Raymond Iong. Mesmo no passado, quando essas políticas ainda não existiam, o mágico reconhece que recebeu sempre muita ajuda institucional.

© DIREITOS RESERVADOS

Hennes Ng, cantor

Surfar a onda do "cantopop"

O impacto do projecto da Grande Baía a nível nacional está também a gerar crescente interesse noutras províncias chinesas pela cultura cantonense, inclusive pela música pop da região, conhecida como "cantopop". É agora comum ver artistas provenientes da Grande Baía a participar em programas televisivos de variedades transmitidos a nível nacional.

Hennes Ng, cantor de Macau, é um dos performers a tentar "surfar" a onda de interesse em torno da Grande Baía. O artista, que canta em cantonense e já participou em Macau em espectáculos organizados pelo IC, iniciou a sua carreira regional em Hong Kong, mas acabou por focar-se no mercado de Guangdong. "Hong Kong possui um mercado significativo, mas já está saturado", indica.

Ao tomar conhecimento do lançamento de uma série de políticas voltadas para empreendedores de Hong Kong e Macau pelas autoridades da Área de Nansha da Zona Piloto de Comércio Livre de Guangdong, o cantor decidiu tentar apostar numa carreira musical do outro lado da fronteira. A motivação de Hennes Ng foi simples: desejava estar mais próximo do seu mercado-alvo e explorar novas oportunidades de promoção, em particular após observar o rápido desenvolvimento das redes sociais no Interior da China.

As autoridades de Nansha e os meios de comunicação social locais demonstram uma atitude positiva em relação aos jovens artistas de Macau e Hong Kong, diz. Além de ter recebido oportunidades de trabalho para actuar em programas de televisão e eventos públicos, Hennes Ng revela ter sido convidado para cooperar com empresas estatais em transmissões online ao vivo ("live streaming"). Embora seja ainda um novato no campo do "live streaming", especialmente no que toca ao comércio electrónico, em forte expansão no Interior da China, o artista está confiante de que este tipo de plataformas lhe pode oferecer novas oportunidades profissionais.

相約澳門 中葡文化藝術節
Festival de Artes e Cultura entre a China e os Países de Língua Portuguesa

5.º Encontro em Macau

Festival de Artes e Cultura entre a China e os Países de Língua Portuguesa

Exposição Anual de Artes entre a China e os Países de Língua Portuguesa

Relações

2023/10/28—2024/01/01

Galeria de Exposições e Casa de Nostalgia das Casas da Taipa

Terça-feira a Domingo 10:00 - 19:00,
última admissão às 18:30, aberto aos feriados

www.icm.gov.mo/FCP

Patrocínio
澳門特別行政區政府社會文化司
Secretaria para os Assuntos Sociais e Cultura do Governo da Região Administrativa Especial de Macau
Secretariat for Social Affairs and Culture of the Government of the Macao Special Administrative Region

Organização
澳門特別行政區政府文化局
INSTITUTO CULTURAL do Governo da Região Administrativa Especial de Macau

Apoios
TDM 澳廣視
AIR MACAU 澳門航空

ENTREVISTA

"A actividade de advogado é hoje muito mais diversificada"

Os advogados de Macau estão empenhados em aproveitar as oportunidades geradas pela integração regional no âmbito do projecto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. Quem o diz é **Oriana Inácio Pun**, secretária-geral da Associação dos Advogados de Macau. Em entrevista, a causídica defende que o edifício legislativo do território se mantém sólido, mas que se deve ir adaptando às mudanças da sociedade. Quanto ao português, considera que não há obstáculos para quem queira usar o idioma nos tribunais

Texto | **Emanuel Graça**
Fotografia | **Cheong Kam Ka**

A crescente integração regional no âmbito do desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau tem vindo a proporcionar várias oportunidades aos advogados locais para poderem exercer a sua actividade do outro lado da fronteira. Considera que os profissionais do território estão a fazer proveito disso?

Os advogados estão a aproveitar bem as oportunidades no âmbito da Grande Baía, e estas oportunidades vão ser cada vez mais. Ainda temos muitas oportunidades, muitos mercados, por explorar. O importante é termos visão e conhecermos melhor a realidade, para podermos desenvolver o mercado dos serviços da Grande Baía e até do resto da China. O mercado de Macau é limitado e o mercado do Interior da China é muito diverso. É muito mais vasto e, por isso, os advogados de Macau estão interessados em explorá-lo.

No seio da Grande Baía, destaca-se o projecto da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin. Que oportunidades é que esta iniciativa em particular pode oferecer aos advogados de Macau? Por exemplo, já há escritórios de Macau com presença em Hengqin.

Temos escritórios, que podemos denominar de tipo "joint-venture", no âmbito do CEPA [Acordo de Estreitamento das Relações Económicas e Comerciais entre o Interior da China e Macau], envolvendo escritórios de Macau, do Interior da China e de Hong Kong. Já existem em Hengqin, em Zhuhai, Shenzhen e até em Guangzhou. Este é um modo de cooperação que permite aos advogados de Macau – incluindo advogados de nacionalidade portuguesa e de língua portuguesa – inscreverem-se como advogados oferecendo serviços jurídicos de direito estrangeiro.

Por outro lado, temos um programa-piloto para a Grande Baía, que já vai no terceiro curso de formação. Este é outro tipo de cooperação, que permite aos advogados de Macau trabalharem com base na lei do

Interior da China, em parceria com escritórios locais, essencialmente em áreas como o direito civil ou comercial e envolvendo clientes de Macau. Há ainda outra forma de prestar serviços no Interior da China, que é como consultor jurídico, também no âmbito do CEPA, em que qualquer advogado de Macau, de língua chinesa ou portuguesa, pode prestar consultoria a diferentes escritórios, em todo o Interior da China.

Além disso, temos muitos advogados a desempenharem funções em instituições de arbitragem, nomeadamente em Zhuhai, Guangzhou e também Shenzhen. Também há cooperação quando está em causa lei estrangeira, ou seja, quando os advogados de escritórios do Interior da China precisam de advogados que conheçam melhor a lei de uma jurisdição estrangeira, nomeadamente a lei dos países de língua portuguesa – nesses casos, também recorrem aos nossos serviços.

Que mais-valias podem os advogados de Macau oferecer no âmbito da integração regional?

Em primeiro lugar, Macau foi sempre uma cidade internacional e, por isso, temos uma visão muito aberta e temos muitos contactos com o resto do mundo. Isso dá-nos uma perspectiva diferente das coisas. Por outro lado, os advogados de Macau – a maior parte, pelo menos – são bilingues ou trilingues. Alguns até sabem mais línguas. Isso também é uma grande vantagem para nós. Outra vantagem prende-se com o facto de o direito de Macau ter uma matriz portuguesa. Temos um direito com uma base muito sólida, muito bem estruturada. E, no Interior da China, também é utilizado o direito continental: embora o direito de Macau não seja igual, temos uma base similar – por isso, temos uma maior facilidade em perceber a lei do Interior da China. Por fim, temos a ligação com os países de língua portuguesa, que é também uma das nossas vantagens.

Os advogados de Macau são bem vistos do lado de lá das Portas do Cerco?

Sim. Somos bem-vindos. Trabalhamos sobretudo em cooperação. Além disso, em termos de direito substantivo, estamos bem preparados. A China está a dar muita importância ao direito: tudo tem de ser baseado na lei, em fundamentos legais. Isso é muito benéfico para nós, porque temos uma boa formação. E isto é algo que devemos transmitir aos advogados jovens: temos de ter confiança no futuro, porque temos vantagens e estamos bem preparados para aproveitar as oportunidades.

Da tradução para a advocacia

Foi um telefonema que mudou a vida de Oriana Inácio Pun. Então com 15 anos, tinha-se inscrito no exame de acesso ao curso de tradução para a função pública, por influência da mãe – ela própria tradutora na administração pública –, mas não fazia planos de participar, porque queria continuar os estudos secundários. No dia, a mãe telefonou-lhe para casa a recordar-lhe do exame e a jovem Oriana lá acabou por ir. Foi escolhida e decidiu-se por fazer o curso, que era de três anos e remunerado, o que lhe permitia ajudar financeiramente a família. Isto enquanto, mesmo assim, completava o ensino secundário na vertente pós-laboral – mais tarde, faria o mesmo em relação à licenciatura em tradução e, posteriormente, de direito na Universidade de Macau. De entre três irmãos, foi a única a concluir formação universitária.

Acabado o curso de tradução, ficou colocada nos tribunais de Macau. Começou com 19 anos, em 1994, ainda antes do estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau. Saiu em 2002, para exercer o papel de advogada.

"Tenho muitas boas memórias" desse tempo como tradutora, diz. "Testemunhei a formação dos primeiros juízes locais e participei em muitos julgamentos importantes", recorda. "Isso deu-me uma grande 'bagagem' – aprendi muito, aprendi a importância de, na actividade jurídica, ter bom senso e estar de boa-fé."

Oriana Pun diz que, ainda hoje, nutre o "bichinho" da tradução. "Faço traduções de livros. Adoro a tradução simultânea – é muito desafiante. É uma coisa de que gosto. Como gosto do contencioso, de ir aos tribunais. Gosto de coisas inesperadas", afirma, com um sorriso.

Nascida em Macau de famílias de origem chinesa – embora com uma avó filipina –, Oriana Pun fez a educação em escolas com língua portuguesa, seguindo as passadas da mãe. "Por isso, temos uma cultura macaense. Somos católicos, celebramos o Natal, mas sou chinesa. É difícil de explicar."

Depois de ter feito parte de diferentes direcções da Associação dos Advogados de Macau, Oriana Pun abraçou este ano o cargo de secretária-geral do organismo. A causídica diz que sempre teve um espírito associativo e que o objectivo passa por contribuir para "melhorar" a classe.

Nas horas vagas, troca as linhas do direito por outras. É uma apaixonada pela arte do "tatting", uma variedade de renda. "Ajuda-me a relaxar."

Falou nos advogados jovens. As profissões ligadas ao direito continuam a gerar interesse entre as novas gerações?
Penso que sim. Os cursos superiores de direito estão sempre cheios, nomeadamente o da Universidade de Macau. Temos cerca de 170 advogados estagiários. Ou seja, temos muitos jovens formados em direito e que estão interessados em entrar na advocacia e noutras profissões no campo jurídico.

Não está preocupada com o futuro da profissão em Macau, portanto?
Nas últimas décadas, o número de advogados tem vindo a crescer: se compararmos com há 20 anos, quase que duplicou. Existem agora mais de 400 advogados, embora nos últimos anos tenha ocorrido uma quebra ligeira, também associada à pandemia. Actualmente, a actividade jurídica, do próprio advogado, é muito mais diversificada. Para além dos grandes escritórios, há hoje escritórios de pequena e média dimensão, e há mesmo quem opte por trabalhar sozinho. Depois, há profissionais a trabalhar para as operadoras de jogo, outras empresas concessionárias, para grupos privados, para a banca. Por isso, a actividade de advogado é hoje muito mais diversificada. Também há mais concorrência, mas isto é natural.

O direito é uma das pedras basilares da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). Como vê a evolução do sistema ao longo das últimas duas décadas?
Há maior regulação em vários sectores e houve um aumento na produção legislativa. Durante a fase de produção legislativa, seja na revisão de leis ou no lançamento

de uma nova lei, existem sempre consultas ao público. O processo legislativo em si está bem feito. Agora, deve continuar-se a produzir mais leis e rever a legislação existente, para acompanhar a evolução da sociedade, nomeadamente ao nível das novas tecnologias e da indústria financeira, que são áreas em que Macau está a apostar. Temos que ter as leis preparadas para estarmos prontos para desenvolver essas actividades.

Considera que o actual edifício legislativo da RAEM se mantém sólido?

Continua a estar. Na verdade, sempre estivemos sólidos. O que é preciso é actualizar: face às necessidades sociais, à evolução comercial, social e económica, ir produzindo mais leis para responder às necessidades da população.

Como vê o papel da língua portuguesa no âmbito do direito em Macau?

A língua portuguesa continua a ser muito utilizada. Aliás, o estatuto da língua portuguesa está previsto na Lei Básica e tem de ser cumprido. Qualquer pessoa pode usar o português, sem barreiras. Os tribunais continuam a ter uma equipa de tradutores para assegurar as traduções, inclusive as traduções simultâneas, durante os julgamentos. Ou seja, qualquer pessoa pode optar por falar na sua língua. Ainda há despachos e até acórdãos produzidos em língua portuguesa. Por isso, a língua não é uma preocupação. É certo que agora se usa mais a língua chinesa, mas a língua portuguesa continua a ser uma língua garantida. Eu própria ainda escrevo muito em português.

> A língua portuguesa continua a ser uma língua garantida

Não há obstáculos para quem queira usar o português. E o que vejo também é que hoje continua a haver muitas pessoas a estudar direito em português, o que é bom.

De que forma é que a utilização do português no sistema jurídico pode contribuir para a afirmação de Macau como uma plataforma entre a China e os países de língua portuguesa?

Pode ser importante no âmbito da arbitragem, que é um tipo de mecanismo em que Macau está a apostar, em termos de integração na Grande Baía e também de integração no mundo global, em particular com os países de língua portuguesa. Na arbitragem, a língua portuguesa é importante, porque para os países ou empresas que estão mais habituados a trabalhar nesta língua, podemos ter um papel importante em termos de arbitragem.

Que papel desempenha hoje a Associação dos Advogados de Macau na sociedade local?

Somos uma associação de características únicas: isso dá-nos autonomia, mas, por outro lado, dá-nos muita responsabilidade. Temos de ter a noção que temos de regular bem a nossa classe: ser exigente na formação e nos exames de acesso à profissão, e no controlo da qualidade deontológica e técnica dos advogados. Como secretária-geral, sou responsável pela área dos estagiários, que é uma parte muito importante da classe. Preocupamo-nos em formar advogados dignos e sérios, correctos, tecnicamente competentes e com elevados valores deontológicos.

Por outro lado, uma das coisas que devemos promover é o uso das novas tecnologias na profissão e no trabalho da associação. Ainda estamos a trabalhar de forma muito tradicional. Com a evolução da sociedade e também por influência do estrangeiro e até do próprio Interior da China, há ideias diferentes de como desenvolver a advocacia. Sendo certo que há algumas ideias que podemos considerar, há valores que temos sempre de manter. Quando nos comparo com os advogados de Hong Kong e do Interior da China, eles são muito activos, muito competitivos. Nós temos qualidade e temos preparação. Temos de abrir as nossas perspectivas e aproveitar as oportunidades.

中國-葡語國家經貿合作及人才信息網

PORTAL PARA A COOPERAÇÃO NA ÁREA ECONÓMICA, COMERCIAL E DE RECURSOS HUMANOS ENTRE A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

葡語國家產品資料庫
BASE DE DADOS DOS PRODUTOS DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

中葡雙語人才資料庫
BASE DE DADOS DE PROFISSIONAIS QUALIFICADOS EM CHINÊS E PORTUGUÊS

專業服務供應商
FORNECEDORES DE SERVIÇOS PROFISSIONAIS

會展資訊
INFORMAÇÃO SOBRE CONVENÇÕES E EXPOSIÇÕES

經貿信息
INFORMAÇÃO ECONÓMICA E COMERCIAL

法規資訊
LEIS E REGULAMENTOS

主辦單位：
Entidades Organizadoras :

中華人民共和國商務部
Ministério do Comércio da República Popular da China

澳門特別行政區政府經濟財政司
Secretaria para a Economia e Finanças da RAEM

承辦單位：
Entidade Coordenadora :

澳門貿易投資促進局
Instituto do Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute

WWW.PLATFORMCHINAPLP.MO

MOÇAMBIQUE

MAPUTO PREPARA NOVAS CANDIDATURAS A FUNDO SINO-LUSÓFONO

"A China é crucial para Moçambique", diz **Francisca Reino**, delegada de Moçambique junto do Secretariado Permanente do Fórum de Macau, que evoca o contributo fundamental dado pelo Governo chinês e por várias empresas da China no desenvolvimento de infra-estruturas no seu país natal. O Governo moçambicano, adianta a responsável, tenciona apresentar novas candidaturas ao Fundo de Desenvolvimento China-Países de Língua Portuguesa, em sectores como a energia e os recursos naturais

Texto | **Marco Carvalho**

A QUE sabe a cooperação económica e comercial entre duas nações? No caso da cooperação sino-moçambicana, a "Bom Gosto". Cultivado no vale do Limpopo e presença cada vez mais habitual na mesa dos moçambicanos, este arroz, produzido pela empresa Wanbao Africa Agricultural Development, Lda., é um bom exemplo do tipo de investimento que as autoridades moçambicanas querem atrair para o país: sustentável, estruturante e que possa envolver as populações locais no processo de criação de riqueza.

Mas o projecto é também um testemunho tangível do sucesso das estratégias gizadas pelo Fórum de Macau, defende Francisca Reino, delegada de Moçambique junto do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau), também conhecido como Fórum de Macau. O parque agrícola explorado pela empresa de Hubei foi, há uma década, a primeira iniciativa a ser financiada pelo Fundo de Cooperação para o Desenvolvimento entre a China e os Países de Língua Portuguesa. No período de dez anos, o investimento possibilitou a reabilitação de 20 mil hectares de terrenos agrícolas e um aumento da produção de uma tonelada e meia de arroz por hectare para oito toneladas por hectare.

"É um projecto que veio reforçar a segurança alimentar. O projecto mantém-se firme e está, neste momento, numa fase muito mais evoluída. Nós ficamos muito felizes pelo facto de eles lá estarem a investir", sublinha Francisca Reino. "O arroz 'Bom Gosto' é produzido neste projecto e é um alimento que já chegou ao prato de muitos moçambicanos, até porque nem todos têm a oportunidade de adquirir arroz importado", acrescenta a responsável.

O sucesso do investimento da Wanbao na fértil

© ANTÓNIO SAMARFIL

região do baixo Limpopo – a cerca de duas centenas de quilómetros de Maputo – e a flexibilização anunciada dos critérios de acesso ao Fundo de Desenvolvimento China-Países de Língua Portuguesa convenceram as autoridades de Moçambique a avançar com novas candidaturas a financiamento. O Governo moçambicano, adianta Francisca Reino, já identificou os sectores que melhor servem os interesses do país em consonância com as orientações do Fundo. O sector energético é aquele que se afigura como mais promissor.

"Nós entendemos que o fundo tem critérios próprios e estamos felizes que tenha havido, de certo modo, uma reforma nesses critérios de acesso. Esperamos, nos próximos tempos, poder apresentar dois ou três projectos, com o propósito de os candidatar ao fundo", revela Francisca Reino. "Já remeti os projectos ao Fundo, mas o Fundo tem o seu tempo de maturação em relação à aprovação dos projectos. Estivemos recentemente reunidos e uma das coisas que verifiquei é que é muito mais fácil investir na energia do que em qualquer outro sector. A energia é um recurso que é visível, que rapidamente gera frutos em relação ao Fundo", defende a delegada de Moçambique.

CHAVE PARA O DESENVOLVIMENTO

A eleição de projectos no domínio da energia não é inócua. O sector é visto pelo Governo moçambicano como um dos pilares fundamentais do desenvolvimento económico do país, a par da agricultura, da indústria, do turismo e da construção de infra-estruturas, ramo da actividade económica no qual a cooperação com a China e com entidades chinesas se tem prefigurado como fundamental.

© LEVY PEREIRA

A ponte Maputo-KaTembe, o maior empreendimento construído em Moçambique após a independência, foi financiada e construída pela China

"Grande parte das infra-estruturas de que Moçambique hoje beneficia foram construídas por empresas chinesas. Temos como símbolo dessa cooperação a Ponte Maputo-KaTembe, que liga directamente aquilo que nós chamamos a Circular de Maputo. Temos também a estrada número 6, que liga a Beira a Machipanda, e que também foi feita com cooperação chinesa. Também no sector mineiro e na reabilitação dos caminhos-de-ferro, a China é crucial para Moçambique", salienta Francisca Reino.

"As infra-estruturas são um desafio. A ligação Maputo-Rovuma, que é a estrada dorsal que liga o Norte ao Sul, ainda não está consolidada. É um desafio. Eu diria que é o pilar de desenvolvimento do país", complementa a representante de Moçambique.

A construção de infra-estruturas é a primeira e mais fundamental das peças do quebra-cabeças económico que as autoridades moçambicanas se propõem resolver para alavancar a produtividade do país, reduzir a dependência externa e aliviar a pobreza. No rescaldo da pandemia da COVID-19, o Governo de Moçambique lançou um pacote de medidas de aceleração económica com o intuito de promover uma melhoria do ambiente de negócios e reforçar as estratégicas de atracção de capital e de investimento directo estrangeiro. Entre as principais disposições estão medidas de natureza fiscal – como a redução do imposto sobre o valor acrescentado (IVA) – ou a simplificação dos procedimentos para a obtenção de vistos de entrada no país.

"Há muitos países em relação aos quais já facilitamos a questão da obtenção do visto. Os cidadãos chineses, por exemplo, podem ir para Moçambique e obter o visto na fronteira. Outra das novidades é a aprovação de vistos online, o que faz com que uma pessoa não tenha de se deslocar propositadamente a Moçambique ou a uma Embaixada para solicitar o visto", esclarece Francisca Reino. "Existem outras medidas relacionadas com taxas e com impostos. O IVA era de 17 por cento e

> Grande parte das infra-estruturas de que Moçambique hoje beneficia foram construídas por empresas chinesas
>
> **FRANCISCA REINO**
> DELEGADA DE MOÇAMBIQUE JUNTO DO FÓRUM DE MACAU

foi reduzido para 16 por cento. São medidas cruciais que acreditamos que podem acelerar a economia nesta fase pós-COVID", acrescenta.

O EXEMPLO CHINÊS

A pandemia da COVID-19 refreou as perspectivas de crescimento da economia moçambicana e quase paralisou os trabalhos do Fórum de Macau, mas, no entender de Francisca Reino, permitiu comprovar de uma vez por todas que a razão de ser da organização não se esgota no fomento do trato económico e comercial entre a China e os países lusófonos e se traduz também por mecanismos de solidariedade e de partilha de conhecimento.

"A área da Medicina é a área que tem dado mais resultados. Na altura da COVID, o Fórum de Macau apoiou os países de língua portuguesa em termos de materiais de protecção, produzidos na China. Há também a questão da formação dos médicos e os estágios na medicina tradicional [chinesa], já para não falar que, no domínio dos recursos humanos, os países de língua portuguesa têm beneficiado de vários tipos de cursos e bolsas de estudo, tudo no âmbito da plataforma", salienta Francisca Reino.

Moçambique, recorde-se, foi o primeiro país lusófono a avançar para a regulamentação de práticas e técnicas de medicina tradicional chinesa e a registar e comercializar produtos e suplementos com eficácia comprovada pelo Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa para a Cooperação entre Guangdong-Macau. A decisão, argumenta a delegada de Moçambique, vai ao encontro da realidade socioeconómica do país e das necessidades básicas da população.

"Setenta por cento da população moçambicana recorre à medicina tradicional. O Governo está a fazer um esforço para que em cada distrito haja um hospital. Mas nas zonas rurais a medicina tradicional é o primeiro socorro. Nós vemos o trabalho desenvolvido pela China e queremos aprender com a China, de forma a que tanto a medicina moderna, quanto aquilo que nós designamos como medicina alternativa, sejam regulados, para que não haja excessos", esclarece a responsável.

O exemplo da medicina tradicional chinesa não é o único que Moçambique se propõe emular. As políticas chinesas em domínios como a digitalização da economia e o combate à pobreza são vistas a partir de Maputo como absolutamente modelares para a prossecução de estratégias sustentáveis de desenvolvimento.

"Moçambique é um país promissor, mas não tem meios. Esse é o grande desafio: é o país não ter meios financeiros para poder levar a cabo aquilo que são os programas de desenvolvimento sustentável que se propõe conduzir", assume Francisca Reino. "Sabemos que a China delineou uma série de programas de desenvolvimento sustentável que estão direccionados para o desígnio da redução da pobreza. Em Moçambique, temos quase 70 por cento da população a viver na pobreza. Queremos atingir níveis razoáveis de pobreza. Com a pobreza extrema, não conseguimos desenvolver o país", remata a responsável.

VER VÍDEO AQUI

FORMAÇÃO DE TALENTOS

Macau e Universidade de Coimbra, uma cooperação em sentido ascendente

São várias as figuras de relevo para a história de Macau que se formaram na Universidade de Coimbra, uma instituição com mais de sete séculos. No entanto, a ligação entre o território e a universidade portuguesa não ficou parada no tempo: a colaboração tem vindo a acelerar, estendendo-se a novos âmbitos

Texto | **Marta Melo**

O QUE possuem em comum nomes como o escritor macaense Henrique de Senna Fernandes, o antigo presidente da Assembleia Legislativa Carlos d'Assumpção, diversos governadores de Macau durante o tempo da administração portuguesa, como o Conde de São Januário ou Isidoro Francisco Guimarães, ou ainda D. Belchior Carneiro, fundador da Santa Casa da Misericórdia de Macau? Todas estas figuras do passado de Macau passaram pela Universidade de Coimbra (UC), em Portugal.

Na instituição de ensino superior, fundada em 1290 e uma das dez mais antigas do mundo, fizeram a sua formação cultural e científica muitos dos quadros portugueses – de entre médicos, políticos e dirigentes da administração pública – que vieram a trabalhar em Macau durante a governação portuguesa do território. Em sentido inverso, também para se formar em Coimbra foram muitos filhos de famílias ilustres macaenses.

Passada a transição de administração, a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) não perdeu a ligação à UC: nos últimos anos, em particular, a colaboração entre instituições de ensino superior locais e a universidade portuguesa foi aprofundada. Ainda este ano, a Secretária para os Assuntos Sociais e Cultura do Governo da RAEM, Ao Ieong U, visitou a instituição. Mais do que prender-se no passado, as novas formas de cooperação olham para temas do futuro, do direito à tecnologia, da economia à inovação, e da gestão às ciências cognitivas e cerebrais.

Parceria estratégica

Um exemplo do aceleramento das relações existentes é a ligação entre a Universidade de Macau (UM) e a UC, que acaba de ser elevada à categoria de parceria estratégica de cooperação. O acordo foi assinado durante a visita da Secretária para os Assuntos Sociais e Cultura à universidade portuguesa. As duas instituições vão reforçar a cooperação académica e no campo da investigação, em áreas como o direito, a gestão de empresas, as relações internacionais, a inteligência artificial, a robótica e a neurociência.

"É o reconhecimento do papel da UC", nota João Nuno Calvão da Silva, vice-reitor da universidade para

A Universidade de Coimbra, fundada em 1290, é uma das mais antigas do mundo

© DIREITOS RESERVADOS

as relações externas e alumni, que destaca o relevo da instituição enquanto "uma universidade que ajudou a estruturar, no contexto internacional, o direito e o ordenamento económico-social da RAEM". E acrescenta, referindo-se à elevação da parceria: "Isso é de uma importância política e simbólica extremamente significativa".

O objectivo é que, em conjunto, as duas instituições contribuam para a formação de quadros qualificados de alta qualidade. Uma das áreas em que a UM está focada é as ciências cognitivas e cerebrais, com negociações a decorrer para criar o primeiro doutoramento duplo entre a UC e a UM.

"Quando escolhemos esta área, fizemos estudos e dialogámos com os nossos parceiros em Coimbra", afirma Rui Martins, vice-reitor da UM. "O desenvolvimento destas áreas de doutoramento é um sector fundamental para o desenvolvimento da investigação e para a formação de talentos quer para Macau, quer para a China e mesmo para outros países no mundo."

> Temos colaborado com a Universidade de Coimbra na aproximação aos países de língua portuguesa
>
> **RUI MARTINS**
> VICE-REITOR DA UNIVERSIDADE DE MACAU

No âmbito do reforço da cooperação, a UM e a UC assinaram igualmente em Maio um memorando envolvendo ainda a Universidade Renmin da China, para promoverem o desenvolvimento colaborativo entre as instituições e criarem mais oportunidades nos domínios científico e educativo. Segundo João Nuno Calvão da Silva, o protocolo assinado envolve actividades como a realização de workshops, seminários e conferências, partindo também para projectos de investigação conjuntos.

O papel do direito

A mais antiga área de cooperação entre a UM e a UC é o direito. A parceria começou com a criação da faculdade de direito da instituição de ensino superior de Macau, que teve lugar em 1991. "Os professores que davam os primeiros cursos, que eram apenas em português, eram professores catedráticos da Universidade de Coimbra", recorda Rui Martins.

Desta cooperação resultou a tradução de muitas obras no campo do direito, de português para chinês, e a criação da licenciatura em direito em língua chinesa, em 1996. "Foi muito importante – e continua a ser – essa colaboração com a UC", refere o responsável.

Trata-se de um passado que João Nuno Calvão da Silva diz que a UC procura honrar, buscando "intensificar, consolidar e aprofundar a cooperação" com a RAEM, nomeadamente através das várias instituições de ensino superior do território. Macau "representa para nós uma responsabilidade imensa para o presente e para assim trilharmos o futuro das relações entre Portugal, a RAEM e a República Popular da China", afirma.

© GSASC

A Secretária Ao Ieong U esteve na Universidade de Coimbra em Maio, tendo visitado a Biblioteca Joanina, um dos ícones da instituição

Coimbra é uma lição

NO ÚLTIMO ano lectivo, a Universidade de Coimbra (UC) recebeu 25 estudantes de Macau em cursos dos vários graus de ensino regular e em cursos que não conferem graus, como sejam cursos de línguas ou de formação. Jenna Iao Tong Chao, aluna do quarto ano da licenciatura em direito da Universidade de Macau, esteve na UC num programa de intercâmbio com duração de um semestre. "É como um sonho. É uma das universidades mais antigas na Europa. Em 2019, já tinha estado em Coimbra e, na altura, gostei muito do ambiente", diz.

À Revista Macau, a jovem conta que escolheu a universidade portuguesa porque, na sua faculdade em Macau, "a maioria dos professores segue a 'escola de Coimbra'" no que toca ao direito. "A matéria do curso entre as faculdades de direito de Macau e de Coimbra é parecida e não demorei muito tempo a habituar-me", afirma.

Para Jenna Iao Tong Chao, o semestre passado em Coimbra traduziu-se numa mais-valia pessoal e, espera, também ao nível da sua carreira profissional. "Consegui perceber algumas diferenças e semelhanças entre os dois regimes [jurídicos] e isso vai, acredito, ajudar-me muito, no futuro, quando trabalhar."

O contributo da passagem pela UC é reconhecido por Helena Kok, licenciada em direito pela universidade em 2005, que nota que as bases do sistema jurídico de Macau estão assentes na doutrina portuguesa. A advogada considera que "uma boa base teórica serve para escrever uma boa peça processual". E acrescenta: "Sinto que tenho imensa vantagem por ter obtido esta capacidade em Coimbra, especialmente na análise jurídica dos problemas".

Foi o desejo de estudar fora que levou Helena Kok à UC, uma universidade que lhe era referenciada como entre as melhores em Portugal, "especialmente para o curso de direito", apesar do elevado grau de exigência. "A vontade de vencer e de poder ser a única [naquela altura] chinesa em Macau a ter um curso de direito pela UC não me deixou considerar mais opções."

A Universidade Politécnica de Macau (UPM) é outra das parceiras locais da instituição portuguesa. À Revista Macau, um porta-voz da UPM recorda que foram assinados diversos acordos ao longo dos últimos 20 anos com a congénere portuguesa, assim como tem havido "um importante fluxo de docentes e estudantes" entre as duas instituições. "Para contribuir para aprofundar o papel de Macau como plataforma de serviços entre a China e os países de língua portuguesa, a cooperação entre a UPM e instituições de ensino superior dos países de língua portuguesa é muito relevante", é sustentado.

Com a Universidade da Cidade de Macau, a UC lançou um programa de estudos avançados em relações económicas internacionais, ministrado em inglês, fruto de um acordo assinado em 2021. É um "eixo complementar" da ligação da universidade conimbricense à RAEM, afirma João Nuno Calvão da Silva, acrescentando que a instituição também tem desenvolvido algumas iniciativas com a Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau, "nomeadamente nesse reforço da relação entre universidades e empresas na área do empreendedorismo".

Para o responsável português, os cursos conjuntos são "uma etapa natural de todo o caminho" de cooperação com as instituições congéneres de Macau. Mas pode não ser o único. "O online pode ser também um outro eixo para intensificarmos a internacionalização [da UC] para a China e para a RAEM."

Tecnologias a unir Macau e a UC

A área das tecnologias e inovação tem sido uma das apostas na cooperação entre a UPM e a UC no âmbito da formação de quadros qualificados. As duas universidades, além de terem acordado em Agosto o lançamento de um duplo doutoramento em tecnologia de informação, colaboram no Laboratório Conjunto de Tecnologias Avançadas de Cidades Inteligentes entre a Universidade Politécnica de Macau e a Universidade de Coimbra, um projecto oficialmente inaugurado em Portugal este ano. São iniciativas que, para a UPM, "são muito relevantes porque representam uma nova fase de cooperação focada em torno da tecnologia e inovação, que complementa a cooperação anterior em outras áreas, como as línguas", refere o porta-voz da instituição.

O doutoramento substituiu o programa doutoral conjunto em Ciências e Tecnologias da Informação que

Da cidade dos estudantes para Macau

MACAU tem sido destino de muitos portugueses licenciados na Universidade de Coimbra. Com o objectivo também de promover a sua integração na sociedade de Macau, foi criada, em 2015, a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra na Região Administrativa Especial de Macau.

José Rocha Diniz, a viver em Macau desde a década de 1980, é um dos fundadores. "Quando cheguei [a Macau], comecei a lançar a ideia de nos associarmos fundamentalmente por uma razão muito simples: vinha muita gente de Coimbra trabalhar para Macau e era preciso integrá-los." O responsável assinala a "forte ligação da UC a Macau", recordando que muitos naturais do território também se formaram em Coimbra.

O grupo tem igualmente uma vertente cultural e desportiva. Uma das suas actividades regulares é a promoção de jantares-convívio – uma prática retomada este ano, após ter sido suspensa devido à pandemia de COVID-19. "No último jantar estiveram 50 pessoas, mas algumas eram acompanhantes", quantifica o também administrador do Jornal Tribuna de Macau.

Em 2014, foi apresentada uma outra organização, a Associação dos Antigos Alunos da Universidade de Coimbra em Macau-China. Wei Dan, docente da UM e a primeira chinesa a doutorar-se na UC, era uma das promotoras da associação. Entre os objectivos do grupo, estava a promoção de intercâmbio e de cooperação entre a UC e as universidades de Macau e do Interior da China, bem como desenvolver programas e projectos de investigação científica multidisciplinares alargados ainda à lusofonia.

tinha sido lançado em 2019 pelo então Instituto Politécnico de Macau (a elevação a universidade aconteceu no ano passado) e a UC, o qual conta presentemente com quatro alunos de Macau inscritos.

À Revista Macau, Henrique Madeira, coordenador do doutoramento pelo lado da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC, explica que até agora o programa doutoral estava apenas disponível para alunos da RAEM. No entanto, no novo acordo de co-tutela, esta limitação "não existe". A parceria com a UPM, continua, "promete atrair alunos de doutoramento de grande potencial, não apenas estudantes da China que pretendam ter um diploma de doutoramento da UC, mas também estudantes do nosso doutoramento em engenharia informática que vêem com interesse o desenvolvimento vertiginoso da informática no mercado de trabalho chinês".

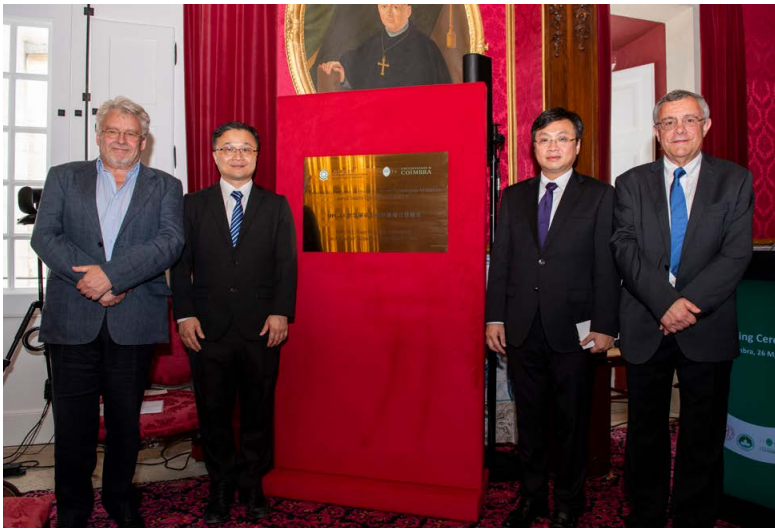
Nesta cooperação, a UPM defende que, juntas, as duas instituições "proporcionam um ambiente único para o desenvolvimento de talentos, com uma ampla variedade de oportunidades para os jovens". De acordo com o porta-voz da instituição, "as duas universidades não só partilham recursos educativos e de investigação, mas também a sua rede não sobreposta de parcerias na China – em particular na Grande Baía Guangdong--Hong Kong-Macau –, nos países de língua portuguesa e na Europa".

Na partilha de conhecimentos, a UC faz já uso de um sistema desenvolvido na UPM e destinado à monitorização e avaliação ambiental para fins de protecção do património cultural. O sistema está a ser utilizado para apoiar os trabalhos de preservação da Biblioteca Joanina, uma das jóias do património histórico da universidade portuguesa.

Uma ponte para a lusofonia

A relação entre as duas universidades conheceu mais um importante passo este ano, com a assinatura de um acordo para a tradução para português de livros de referência de medicina tradicional chinesa. O projecto envolve ainda o Centro de Ciências da Saúde da Universidade de Pequim. À UC caberá a publicação,

© UNIVERSIDADE POLITÉCNICA DE MACAU



Foi criado este ano o Laboratório Conjunto de Tecnologias Avançadas de Cidades Inteligentes entre a Universidade Politécnica de Macau e a Universidade de Coimbra

promoção e divulgação dos livros nos países e regiões de língua portuguesa.

No quadro dos países de língua portuguesa, Rui Martins fala de "uma cooperação forte" da UM com a congénere lusa através da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP). "Temos colaborado com a universidade na aproximação aos países de língua portuguesa e estamos a dinamizar o programa de mobilidade de estudantes na AULP", refere o responsável.

No posicionamento de Macau como plataforma, Rui Martins destaca ainda a Aliança Bibliotecária Académica entre a RAEM (China) e os Países de Língua Portuguesa. É uma iniciativa da UM, lançada pelo seu 40.º aniversário, e que junta duas dezenas de instituições dos países de língua portuguesa, entre elas a UC, e outras tantas da China.

Para a UPM, a colaboração com a UC "acelera o valor de Macau como plataforma" entre a China e a lusofonia. "A UPM tem uma ampla rede de relações académicas na China e [em particular] na Grande Baía, enquanto a UC tem muitas ligações fortes com instituições académicas no mundo de língua portuguesa. Ao se criar projectos que envolvem cada vez mais parceiros mútuos, está a ser dado um importante contributo para o papel de Macau como plataforma", é salientado por parte da UPM.

CLUBES DE LEITURA

Ler, esse prazer (também) colectivo

© DIREITOS RESERVADOS

Numa era de redes sociais e vídeos virais, o gosto de discutir um bom livro cara-a-cara com outras pessoas continua bem vivo. Para estimular a actividade, existem em Macau clubes que se reúnem regularmente, onde a paixão pela leitura é requisito obrigatório

Texto | **Cherry Chan**

UM BOM livro pode ser o melhor amigo em tempos de solidão. Mas pode também ser uma ponte para fazer novas amizades. Em Macau, há vários clubes de leitura para crianças e jovens, mas menos para adultos. Ainda assim, existem plataformas que reúnem pessoas de diferentes profissões e contextos para, em conjunto, partilharem um prazer comum: a leitura. Discutindo maioritariamente obras em língua chinesa, são plataformas de encontro e também de descoberta de novos autores.

A Associação de Popularização da Leitura de Macau, estabelecida em 2021, é uma das entidades que promove um clube de leitura com encontros regulares. No início, conta a presidente, Cyan Cheong In Cheng, o grupo tinha apenas três membros. "Aos poucos, fomos atraindo cada vez mais pessoas que, de facto, gostam de ler, só que não estavam habituadas a partilhar as suas opiniões sobre os livros que estavam a ler."

Warren Kam Wai Tong, também dirigente da associação, sublinha que o grupo se concentra na partilha da leitura. "Durante os nossos encontros regulares, os membros podem partilhar com os outros opiniões sobre livros que gostaram de ler ou que acham que vale a pena ler. Desta forma, todos

os participantes ficam a conhecer novos livros a cada encontro", diz.

Segundo acrescenta, o objectivo final é alargar os horizontes dos participantes no que toca ao universo da produção literária. Compilando os nomes de obras referidas durante os encontros que lhes possam interessar, cada participante pode facilmente criar uma lista de livros a ler, para explorar mais tarde. Warren Kam diz que essa foi a experiência pela qual ele próprio passou.

"Raramente lia romances. Em vez disso, gostava de ler sobre ciência e história. No entanto, a partir de partilhas de outros membros do clube de leitura, comecei a interessar-me pelo género romances."

Comunicar melhor

Cyan Cheong refere que a associação não está apenas interessada em promover a leitura. "Mais do que aprender ouvindo as partilhas dos outros, estamos preocupados em promover vários aspectos ligados à comunicação, incluindo ouvir, falar, ler e escrever", realça a também fundadora da editora Os Macaenses Publicações Lda., que tem vindo a levar à estampa várias obras originais ligadas a Macau.

Enquanto outros clubes de leitura focam a sua acção em palestras proferidas por convidados, na Associação de Popularização da Leitura pretende-se seguir por um caminho diferente. A ideia é encorajar os membros a serem parte activa do processo, partilhando

> Quando partilhamos opiniões sobre um livro depois de terminarmos a sua leitura, as nossas impressões e percepções podem ser consolidadas
>
> **CYAN CHEONG IN CHENG**
> PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE POPULARIZAÇÃO DA LEITURA DE MACAU

com os outros as suas opiniões, de forma a praticarem a sua oralidade. Além disso, são também estimulados a escreverem recensões críticas ou análises literárias, para eventual publicação.

"Usualmente, um leitor está mais empenhado em pensar sobre a obra do que em exprimir-se oralmente ou através da escrita", descreve Cyan Cheong. "Mas, quando partilhamos opiniões com outras pessoas sobre um livro depois de terminarmos a sua leitura, as nossas impressões e as nossas percepções podem ser consolidadas, ao mesmo tempo que as nossas capacidades de expressão oral são treinadas." Segundo acrescenta, há membros que se sentem verdadeiramente mais confiantes depois de começarem a participar nas actividades da associação, adquirindo novos conhecimentos e tendo a possibilidade de fazer novos amigos.

As reuniões não se limitam aos livros em si. "Por exemplo, visitamos outras entidades, realizamos actividades de troca de livros, organizamos actividades de caligrafia chinesa durante o período do Ano Novo Lunar", explica Cyan Cheong. "Não estamos só a ler livros, mas também a introduzir hábitos de leitura na nossa vida quotidiana."

Ler ponto a ponto

Para os clubes de leitura de Macau, o dia 23 de Abril é de grande importância. Desde 1995 que este é o Dia Mundial do Livro, assim designado

pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). A partir de 2019, a data começou a ser assinalada pela Biblioteca Pública de Macau através da série de actividades "4·23 Lendo em Toda a Cidade", que se tornou, entretanto, num evento anual, visando promover hábitos de leitura entre a população. De resto, todo o mês de Abril é agora dedicado à leitura, envolvendo diferentes organizações e associações da cidade.

Uma das ideias associadas às comemorações do Dia Mundial do Livro é o estabelecimento de "pontos de leitura" pela cidade, procurando promover o acto de ler em grupo. Este é um conceito que, nas palavras de Loi Chi Pang, chefe do Departamento de Gestão de Bibliotecas Públicas do Instituto Cultural, se prende com "a construção de uma cidade de leitura não totalmente dependente da biblioteca ou do Instituto Cultural, mas dos residentes". Os "pontos de leitura" podem ser lojas, restaurantes, cafés, espaços verdes, escolas, centros educativos, associações ou até empresas: não há limitações de espaço ou formato.

Cerca de 140 entidades locais organizaram os seus próprios "pontos de leitura" durante a edição deste ano do evento, realizando actividades de leitura entre 15 e 23 de Abril – ao contrário dos clubes de leitura tradicionais, estas são actividades pontuais. Ainda assim, este ano, os "pontos de leitura" contaram com a participação de cerca de 43 mil pessoas, um aumento de mais de 1,5 vezes em comparação com 2022.

> A forma de partilha proporcionada por um clube de leitura só é realmente valiosa se os participantes estiverem dispostos a ler livros diferentes e ouvir pessoas com opiniões diferentes
>
> **ANDY CHOU SIO HIN**
> FUNDADOR DO GRUPO DE LEITURA "UMA VEZ NA VIDA"

Loi Chi Pang explica que "a proporção dos pontos de leitura organizados por escolas ou associações é praticamente igual àquela de pontos de leitura levados a cabo por outros grupos privados". Na sua opinião, isto mostra que, na cidade, o interesse pela leitura está espalhado por todo o lado.

Partilhas únicas e irrepetíveis

Andy Chou Sio Hin é fundador do grupo de leitura "Uma vez na vida" ("一期一會", em chinês). O nome advém de uma expressão idiomática retirada das cerimónias tradicionais de chá do Japão: "ichi-go ichi-e". Tal é uma referência ao facto de cada cerimónia de chá ser encarada como um encontro único, irrepetível: assim pretendem ser as reuniões do grupo.

"Descobri que muitas pessoas em Macau gostavam de ler, mas não havia canais para se reunirem e partilharem as suas opiniões", conta Andy Chou. O seu grupo surgiu com pretensões de dar a volta à situação.

No clube "Uma vez na vida", o objectivo é todos os participantes lerem a mesma obra e depois levarem a cabo uma discussão aprofundada sobre o seu conteúdo. Com o auxílio de um "leitor-orientador", os participantes debatem tópicos focados pela obra escolhida. Trata-se, no fundo, de um processo de

© DIREITOS RESERVADOS

A Associação de Popularização da Leitura de Macau promove um clube de leitura com encontros regulares

co-leitura, diz o fundador.

"É mais fácil encontrar clubes de leitura em que os participantes apresentam livros de que gostaram. No entanto, na minha opinião, a forma de partilha proporcionada por um clube de leitura só é realmente valiosa se os participantes estiverem dispostos a ler livros diferentes e ouvir pessoas com opiniões diferentes", ou seja, discutir obras que, eventualmente, até não fariam parte da sua lista de leitura.

Ainda assim, há quem apareça mesmo sem ter lido antecipadamente o título seleccionado. "O seu objectivo é ouvir os outros, aprender mais sobre esse livro específico com outros que o leram e com diferentes leitores. Assim, estas pessoas podem já ter uma ideia básica, mas diversificada, sobre o conteúdo do livro", afirma o responsável.

Desde o seu estabelecimento em Março de 2021 até hoje, o grupo já realizou mais de uma dezena de actividades. O número de participantes tem variado, já tendo ultrapassado as duas dezenas, dependendo do tema e do livro seleccionado.

A iniciativa está a dar frutos, garante Andy Chou. Segundo nota, alguns participantes reconhecem que antes dedicavam pouco tempo à leitura, mas que, depois de fazerem parte do grupo, se tornaram leitores ávidos.

© LÚCIA LEMOS

O que Henrique de Senna Fernandes nos legou foi como que uma antropologia literária, uma ficção de costumes romanceando vivências e registando memórias de uma Macau de outros tempos

ENSAIO

HENRIQUE DE SENNA FERNANDES: O HOMEM, A OBRA E O LEGADO

Macau celebrou em Outubro o centenário do nascimento do proeminente escritor Henrique de Senna Fernandes. A vida e obra do autor macaense, nascido em 1923 e que faleceu em 2010, são passados em revista num ensaio da historiadora Tereza Sena, com vasta obra publicada sobre o território

Texto | **Tereza Sena***

HENRIQUE de Senna Fernandes tinha sempre algo de irreverente, quase infantil por vezes. Jovial, riso pronto, mas capaz de se emocionar, brincalhão e um olhar malandro que tudo queria abarcar, registar e desfrutar. Desde a beleza feminina, à arte, à literatura, muito ao cinema, à gastronomia, às pessoas sem distinções, à vida em suma.

Essa sua curiosidade, o gosto pela leitura e o encanto pelas histórias que foi ouvindo desde o berço – ou indagando ao calcorrear as ruas da Macau que tanto amava, que classificava de única e de fascinante, e dizia ser a sua Mátria –, conduziram-no à paixão da sua vida: comunicar e escrever. Por isso, preferiu sempre a actividade de professor, que exerceu de forma cativante e próxima aos seus alunos, à de advogado.

E o que nos legou foi como que uma antropologia literária, uma ficção de costumes romanceando vivências e registando memórias de pessoas, práticas, tradições, crenças, edifícios, ruas, bairros e lugares de uma Macau de outros tempos, mas também do seu. Algumas referências mais autobiográficas, outras traçando a psicologia social da cidade, com humor e crítica, descrevendo o fosso entre os universos chinês e português, e explorando a interculturalidade quase sempre através da trama amorosa. Outras ainda cultivando a exemplaridade, edificante, senão mesmo moralizante, e, acima de tudo, passando testemunho às gerações vindouras quanto ao significado do ser-se macaense, através da construção de um lugar mítico e de uma memória em que o grupo se reveja e se reinvente.

Henrique de Senna Fernandes tornou-se assim no mais famoso e apreciado escritor português natural de Macau dos tempos modernos, mesmo além-fronteiras, que muitos ainda recordarão, visto ter falecido apenas há cerca de uma década. Faria este ano 100 anos.

Tracemos-lhe então uma muito sucinta biografia, pondo em relevo não apenas a sua obra, mas como a escrita e a vida de Senna Fernandes se entrecruzam com a Macau da sua época.

O HOMEM

Henrique Rodrigues de Senna Fernandes nasceu em 15 de Outubro de 1923 em Macau, na freguesia da Sé, no seio de uma família tradicional macaense. Em 1939

viveu episodicamente em Cantão, onde o pai passara a gerir uma unidade hoteleira na ilha de Shamian (também conhecida por Shameen e então uma concessão franco-britânica) depois de ter sofrido, no ano anterior, um grande desaire financeiro no mercado bolsista. Contudo, logo em Outubro desse ano, foi a família afectada pela ocupação japonesa, vivendo momentos de grande violência e dificuldades financeiras. Acabaram por regressar a Macau, onde o jovem Senna Fernandes concluiu a instrução secundária. Estando-se então em 1942, no auge da Guerra do Pacífico e Segunda Guerra Mundial, só em 1946 pôde o nosso biografado partir para Portugal a fim de prosseguir os seus estudos, licenciando-se em direito pela Universidade de Coimbra em 1952.

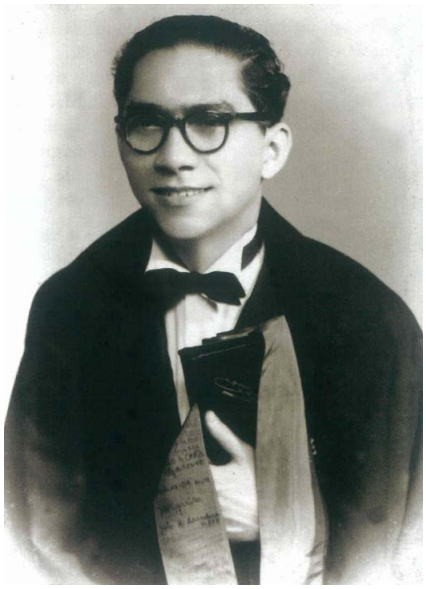
Por tudo isso, Henrique nunca esquecerá os tempos da Guerra do Pacífico, que constituem uma referência constante na sua escrita ficcional, sendo, mesmo, o cenário que escolheu para um dos seus últimos romances, "A Noite Desceu em Dezembro". Não conseguiu infelizmente dar-lhe o desenvolvimento que pretendia, mas a obra revela essas reminiscências, sem esquecer a dimensão histórica que lhe soube inculcar, ou não tivesse sido história uma das paixões de Senna Fernandes e a disciplina que mais gostou de leccionar. Chegou até a confessar ter sido a vivência dessa experiência que o fez despertar para a dura realidade da vida e abandonar a presunção e a arrogância – quiçá estimuladas pela ainda dominante valorização social das suas origens aristocráticas – que marcaram a sua juventude, exemplaridade essa que também transpôs para a escrita.

Após ter concluído o estágio em Portugal, regressou a Macau em 1954 onde exerceu advocacia de forma continuada, tendo presidido à associação local dos advogados entre 1992 e 1995 e desempenhado, na interinidade, as funções de juiz de direito e de delegado do Ministério Público. Mas não só.

O jovem Henrique de Senna Fernandes, que antes da sua partida para Portugal fora professor do ensino primário oficial, leccionou depois na Escola Comercial Pedro Nolasco da Silva, que dirigiu durante 11 anos, e na Escola do Magistério Primário, tendo ainda sido director interino do Centro de Informação e Turismo e presidido à comissão executiva do Grande Prémio de Macau em 1967 e em 1986.

Em 1 de Agosto de 1955, foi nomeado bibliotecário interino das bibliotecas Nacional de Macau e Sir Robert Ho Tung mas, em 26 de Janeiro de 1962, o Ministério do Ultramar optou por Luís Gonzaga Gomes (1907-1976), que há anos se vinha dedicando à pesquisa e organização documental de Macau, com fortes ligações a Portugal e concretamente àquele ministério e suas dependências científicas. Contudo, após a aposentação de Luís Gonzaga Gomes em 1968, Senna Fernandes voltará a ocupar o lugar de bibliotecário, detendo-o até 1981.

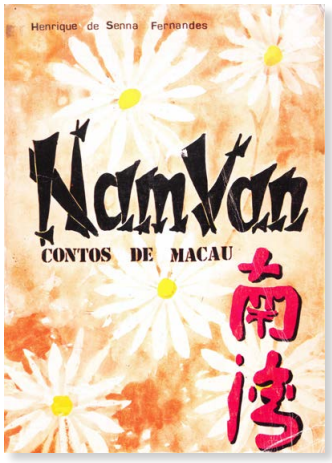
Dotado de consciência política, integrou o Conselho Legislativo de Macau antes de 1974, e, depois, a Associação para a Defesa dos Interesses de Macau (ADIM), de que foi sócio-fundador, para além de diversos conselhos e comissões, nomeadamente os conselhos de educação e de cultura de Macau. Pelos serviços prestados à causa da educação, foi agraciado com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique em 1987, possuindo, desde 1978, o grau de Oficial da Ordem da Instrução Pública.



© DIREITOS RESERVADOS

O escritor nos tempos de estudante na Universidade de Coimbra

O ESCRITOR



Iniciando-se na escrita muito jovem, Senna Fernandes viu, ainda estudante, o seu conto "A-Chan, A Tancareira" ser distinguido nos Jogos Florais da Universidade de Coimbra de 1950 com o Prémio Fialho de Almeida. Depois de divulgado localmente na revista Mosaico, em 1956, viria, em Março de 1974, a constituir um opúsculo da colecção "Cadernos Capricórnio", publicada no Lobito, em Angola, e destinada "a revelar e a divulgar temas e autores do mundo tropical de expressão portuguesa". Foi, mais tarde, incluído na colectânea "Nam Van. Contos de Macau" – publicada em edição de autor em 1978 e reeditada pelo Instituto Cultural de Macau em 1997 – cujas primeiras versões chinesa e inglesa, da responsabilidade da Praia Grande Edições, foram lançadas no Festival Literário "Rota das Letras" de 2020, ficando-se a dever respectivamente a Chris Song e a David Brookshaw, este último académico ligado à Universidade de Bristol, no Reino Unido.

Em 1986 e 1993, surgirão os romances "Amor e Dedinhos de Pé", que constituiu um imediato sucesso editorial com sucessivas reedições, e "A Trança Feiticeira", ambos traduzidos para chinês por Yu Hui Juan, em 1994 e 1996 respectivamente. O último foi também vertido para inglês em 2004 por David Brookshaw. Do primeiro resultou o filme homónimo, realizado por Luís Filipe Rocha, comercializado em Portugal nos primeiros dias de 1993.

"A Trança Feiticeira", por seu turno, despertou a atenção dos irmãos Cai Yuan-Yuan e Cai An-an, que adaptaram a obra para cinema e realizaram o filme que, com o mesmo título, se estreou em Macau em Junho de 1996, após bom acolhimento na República Popular da China. Teve banda sonora original composta pelo maestro brasileiro Oswaldo Veiga Jardim, de há muito radicado em Macau. Este romance foi ainda adaptado e encenado pelo actor Rui Brás, que, em 1997, dirigiu a representação do Grupo de Teatro da Escola Comercial Pedro Nolasco da Silva, também levada à cena em Portugal, onde fez uma curta digressão em Julho do mesmo ano.

Socorrendo-se da sua própria vivência, das memórias familiares e das da comunidade, Henrique de Senna Fernandes retrata, não sem alguma crítica implícita, e acentuando o fosso existente entre os universos chinês e português, os ambientes e pequenos dramas, familiares e sociais, de uma Macau já desaparecida. Para isso, recorre frequentemente à relação amorosa, às virtudes morais e à integridade de carácter dos seus personagens para a regulação de tensões, preconceitos sociais e relações interétnicas.

Empenhado em fixar e preservar a memória e as vivências da sua terra, sobretudo os costumes, hábitos e tradições macaenses, novo livro de contos do autor, reunidos sob o título de "Mong-Há", surgiu em 1998 sob a chancela do Instituto Cultural.

Em Setembro de 2012, foi postumamente editado também pelo Instituto Cultural um romance que deixou inacabado, visto que pretendia acrescentar-lhe um segundo volume cujo enredo se estenderia até 31 de Dezembro de 1961, ou seja, até à grande reforma do jogo em Macau e início da actividade da Sociedade de Turismo e Diversões de Macau, que para sempre alterou os destinos da cidade. Falamos de "Os Dores" – também já traduzido para chinês em 2015 – surgido graças à persistência dos seus filhos, nomeadamente de Miguel de Senna Fernandes.

Em Novembro de 2015, seria a vez de "A Noite Desceu em Dezembro", obra com que o autor respondera em 2004 ao repto do jornal Ponto Final, convocando

cinco autores para, ao longo de um ano, escreverem um romance em formato de folhetim semanal para ser dado à estampa naquele diário. Com a sua publicação integral e em livro, alcançou-se o quarto e, até ao presente, último volume da "Obra Completa de Henrique de Senna Fernandes", editada pelo Instituto Cultural. Como já se referiu, em "A Noite Desceu em Dezembro" é retomado o cenário da guerra, que tanto marcara Senna Fernandes na sua juventude – e a vida da sua primeira mulher, Ho Heong Sut, Maria Teresa Hó pelo baptismo (1932-2001) –, mas que, segundo o autor, constituiu o ponto de ruptura definitiva com a Macau tradicional, retrógrada e fechada sobre si própria.

O CINÉFILO

Colaborador na imprensa, nomeadamente do jornal Notícias de Macau (1947-1975) e das revistas Mosaico (1950-1957) e Boletim do Instituto Luís de Camões (1965-1981), a cujos órgãos sociais pertencia, Henrique de Senna Fernandes foi orador em inúmeras conferências, palestras e sessões culturais e um contista nato.

© DIREITOS RESERVADOS

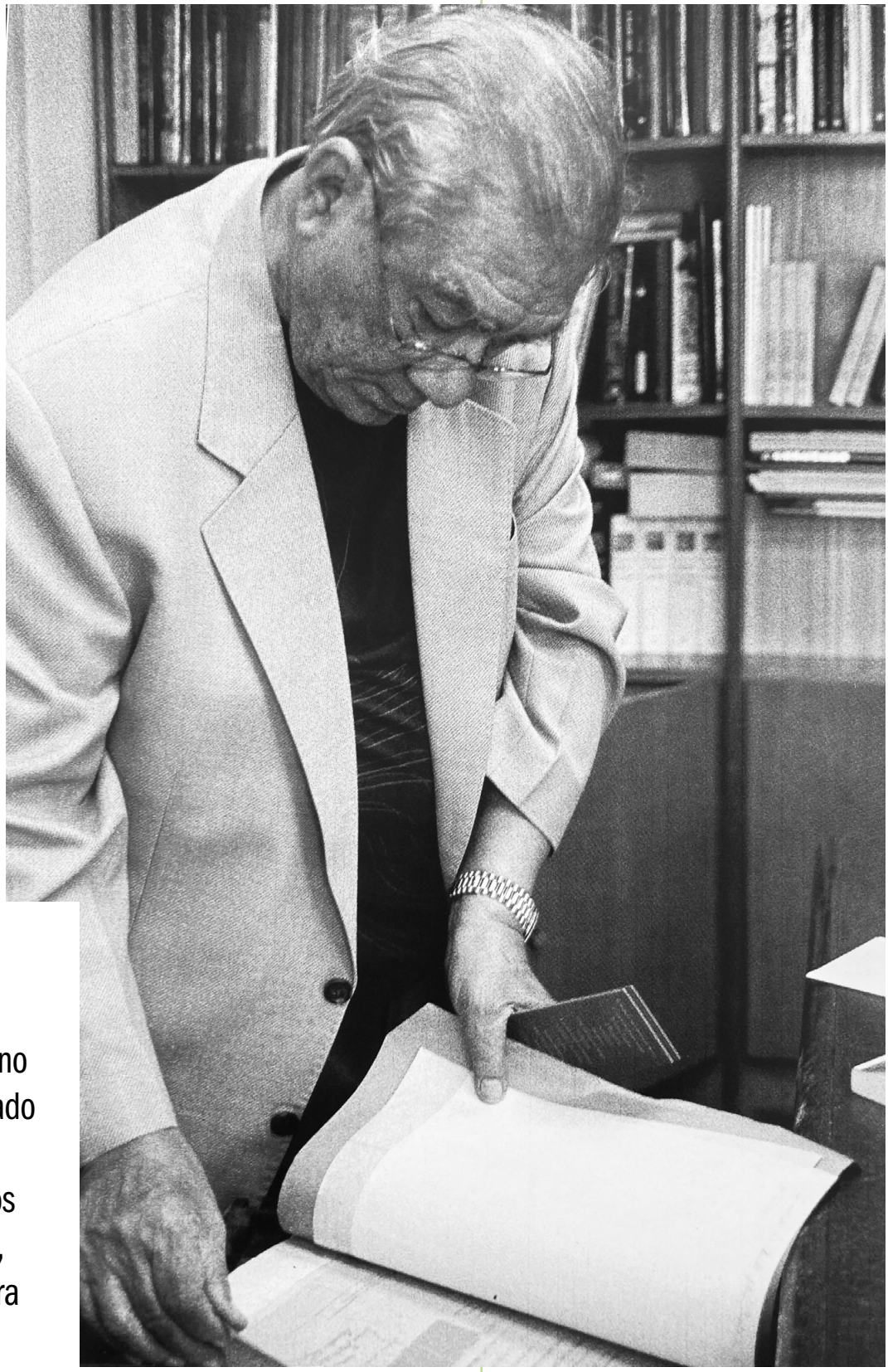
Henrique de Senna Fernandes durante a década de 1960

Também foi um cinéfilo apaixonado[1] e autor de diversos artigos sobre o cinema em Macau, a que deu início na década de 1970 nas páginas do jornal Confluência — que chegou mesmo a dirigir —, tendo durante vários anos assegurado a crítica cinematográfica na antiga Emissora Nacional de Macau e sido o responsável pela cinematografia na comissão executiva do Instituto Luís de Camões (1965). Partindo daqueles textos e da informação coligida ao longo de uma vida, Senna Fernandes retomaria o tema nas páginas da Revista de Cultura (edições portuguesa e inglesa) entre 1991 e 1997, em artigos que foram reunidos em volumes autónomos pelo Instituto Internacional de Macau em Novembro de 2010, cerca de um mês após o desaparecimento do autor.

Esta obra, "Cinema em Macau. Desde o início do século XX até a década de 30", profusamente ilustrada e documentada, é um contributo fundamental, quer para história do cinema em Macau como, e sobretudo, para a caracterização da sua sociedade, já que, de par com a história das casas de espectáculo, equipamentos, negócio, proprietários e público, se inventaria a oferta fílmica a que Macau teve acesso. Nela ainda se discorre sobre as reacções e emoções que essa moderna e poderosa forma de comunicação suscitou na cidade periférica e como esta acompanhava o evoluir dos acontecimentos a nível mundial. Ensaios de filmologia quase, acentuando a dimensão antropológica, e até histórica, da escrita de Senna Fernandes, que ultrapassa o campo meramente ficcional a que um olhar menos atento a poderia eventualmente limitar, aspectos que merecerem quem os estude e eventualmente complete, sobretudo no que respeita à filmografia em língua chinesa.

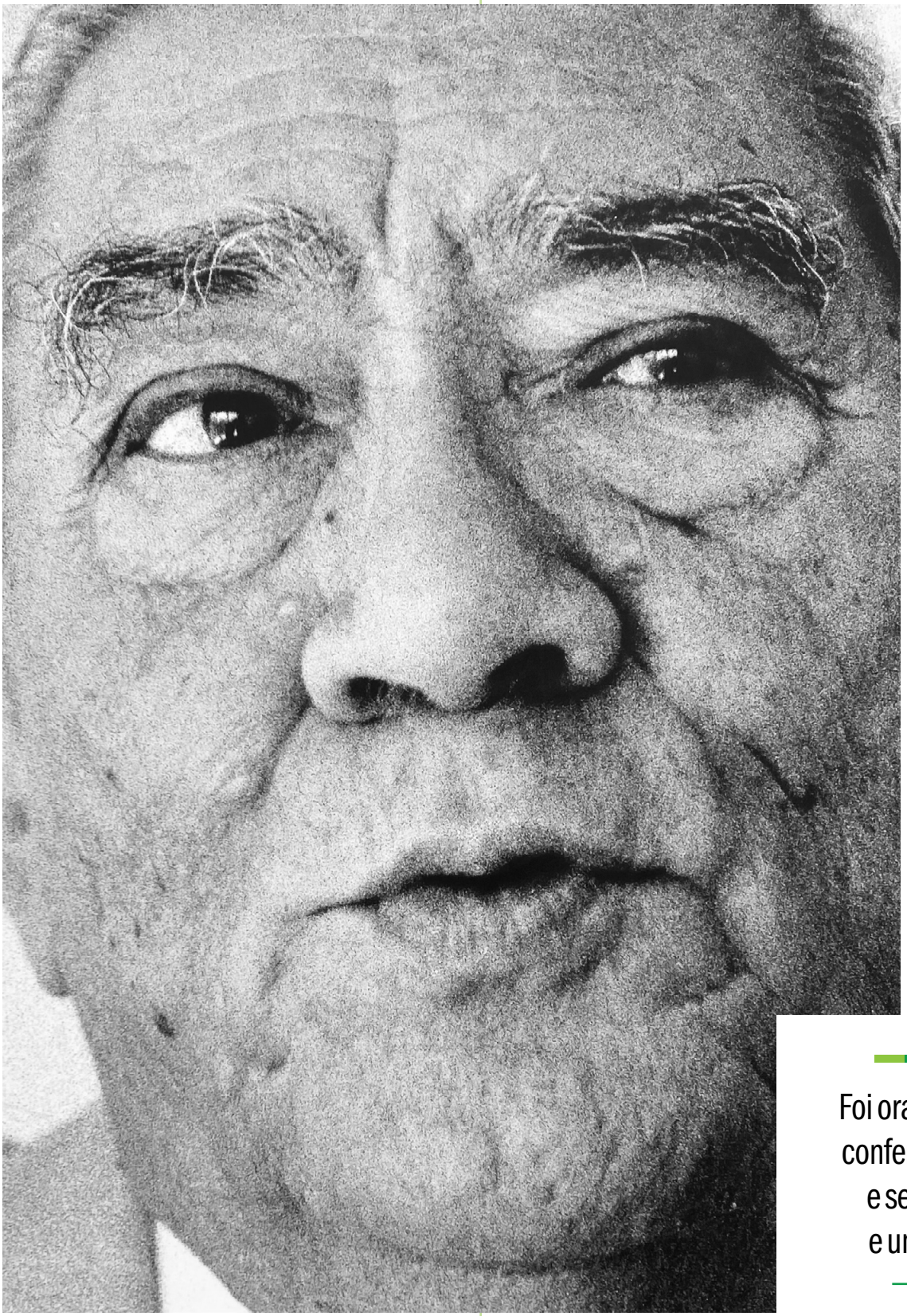
O LEGADO

Por o que se disse, seria importante que o Instituto Cultural prosseguisse com o projecto de reunir a "Obra Completa de Henrique de Senna Fernandes", que oportunamente chamou a si, continuando a reeditar títulos, publicar inéditos e a fazer traduzir as suas obras para chinês e inglês. Assim, e no que concerne à reedição das



© LÚCIA LEMOS

Henrique de Senna Fernandes tornou-se no mais famoso e apreciado escritor português natural de Macau dos tempos modernos, mesmo além-fronteira



© LÚCIA LEMOS

Foi orador em inúmeras conferências, palestras e sessões culturais e um contista nato

suas obras, temos ainda em falta os textos dedicados ao cinema e os livros de contos. Mas seria fundamental reunir os artigos que deixou dispersos na imprensa diária e revistas, locais, portuguesas e estrangeiras, e que vão desde o conto, à crónica, à recensão, ao artigo político, memorialista e de opinião, versando temas literários e antropológicos, entre muitos outros certamente.

Entrevistas; registo iconográfico, sonoro e audiovisual; manuscritos e objectos pessoais — se a família assim o entender —, bem como a bibliografia passiva e a activa que publicou no exterior, completariam o acervo que deveria integrar o espólio da Casa da Literatura de Macau. E a proposta é válida para este e outros autores, por forma a transformá-la numa entidade depositária, mas também impulsionadora do estudo do património literário da cidade, e, por isso, passível de alimentar outros projectos como os de história oral, ou memorialista, em torno de temas tão relevantes como, por exemplo, a Guerra do Pacífico; a transição e transferência de administração de Macau; os inícios da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), entre outros. E porque não também, e dando apenas um exemplo, a criação de roteiros e guias literários capazes de proporcionarem a tão desejável e apregoada diversificação da oferta cultural, e de alimentarem uma oferta turística diferenciada para Macau?

Quanto aos inéditos de Senna Fernandes ainda existentes — já que muito lamentava a perda de outros na sequência de um incêndio ocorrido na zona do seu escritório — sabe-se, pelo menos, da existência de "O Pai das Orquídeas", em que o autor trabalhou aturadamente, produzindo diversas versões. Por isso, a sua edição levanta problemas de selecção e de fixação de texto (ou quiçá de textos alternativos oferecendo narrativas paralelas, acrescento eu), e não dispensa a intervenção de um, ou mais, especialistas, o que naturalmente só poderá ser concretizado com apoio institucional. "Os Filhos das Nuvens e da Chuva" seria o título de uma outra obra, por vezes referida em entrevistas e textos sobre o autor, mas sobre a qual o seu filho Miguel confessou nada saber.

Ligado às principais associações locais, Henrique de Senna Fernandes foi presidente da comissão directora da Associação Promotora da Instrução dos Macaenses (APIM), também integrada por José Manuel Rodrigues (1952-2023) e Edith Silva, cuja acção foi decisiva para a instalação da actual Escola Portuguesa de Macau, inaugurada em 1998.

Por tudo o que se disse, Senna Fernandes mereceu reconhecimento institucional e a estima da comunidade. Para além das muitas condecorações portuguesas, foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural pelo Governo da RAEM em 2001; eleito Académico Correspondente da Academia Internacional da Cultura Portuguesa em 2003, e feito Doutor Honoris Causa em Literatura pelo Instituto Inter-Universitário de Macau e pela Universidade de Macau em 4 de Novembro de 2006 e em 10 de Dezembro de 2008, respectivamente.

Henrique de Senna Fernandes faleceu em Macau em 4 de Outubro de 2010, nas vésperas de completar 87 anos. Para trás fica um exemplo de vida dedicada a Macau, plenamente vivida, mas também o lamento de, por não dominar o idioma escrito, não ter conhecido mais profundamente o mundo chinês e a sua literatura.

***Investigadora Convidada do Centro de Estudos das Culturas Sino-Ocidentais, Escola Superior de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Politécnica de Macau**

NOTA 1 Este artigo é uma versão resumida e adaptada de um capítulo – onde se ensaia a construção de uma narrativa familiar plausível, focando aspectos frequentemente omitidos no discurso biográfico conhecido de Henrique de Senna Fernandes – de um livro da autoria de Tereza Sena ainda inédito (cuja edição chinesa se aguarda para breve), intitulado "Alguns Autores Portugueses de Macau dos Séculos XIX e XX — Tou Sang e Kwai Lo". O trabalho foi produzido no âmbito de um projecto de investigação científica do Centro de Estudos das Culturas Luso-Ocidentais da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Politécnica de Macau, entidade à qual se agradece a permissão para inclusão neste número da Revista Macau, associando-se assim à comemoração do centenário do nascimento de Henrique de Senna Fernandes.

NOTA 2 As fotografias da autoria de Lúcia Lemos que ilustram este artigo fazem parte da obra "Fragmentos - O Olhar de Henrique de Senna Fernandes", de Lúcia Lemos e Yao Jingming, tendo sido gentilmente cedidas pela autora.

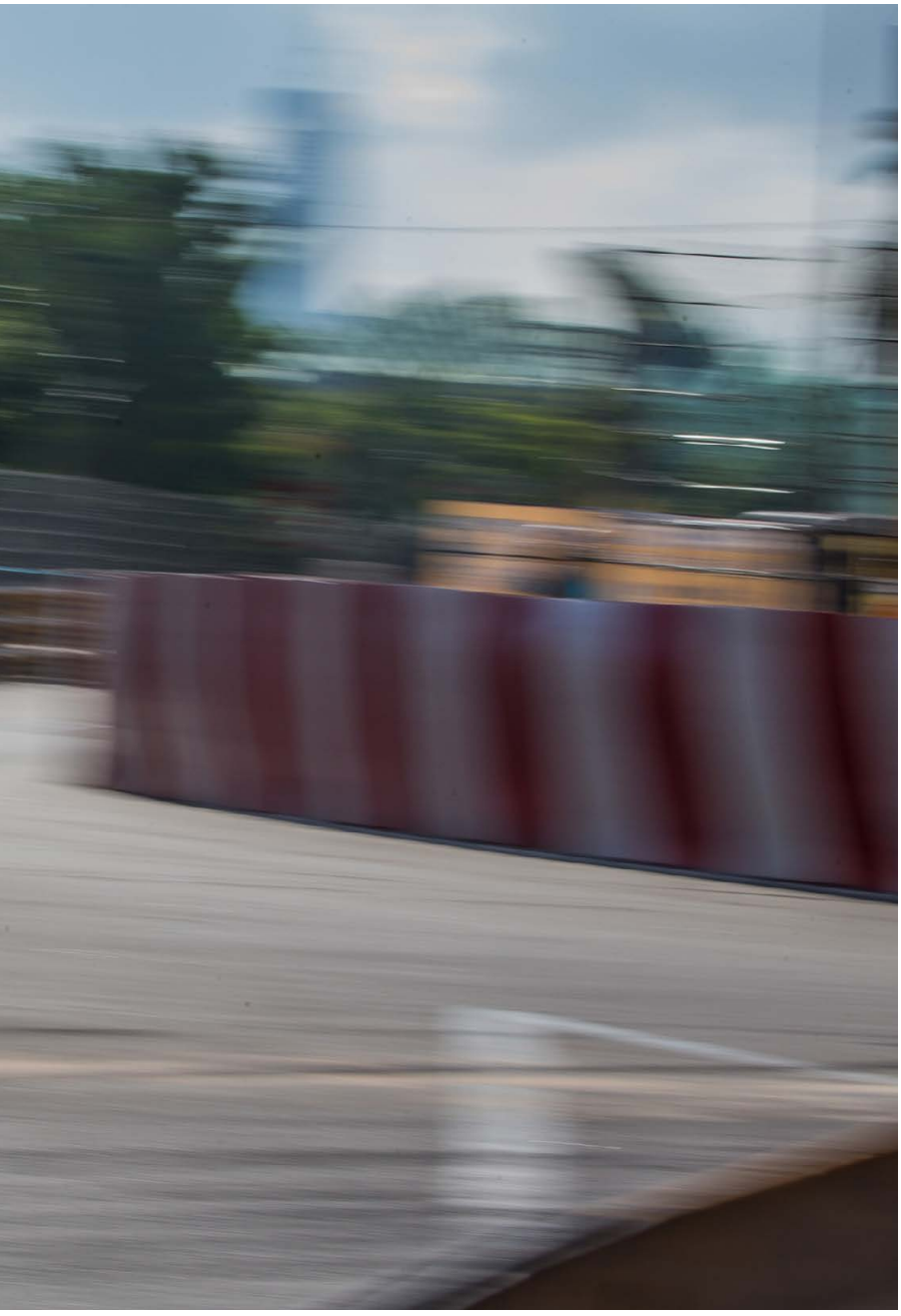
(1) É curioso o depoimento em que Henrique de Senna Fernandes nos revela a influência que nisso teve no seu primo Bernardino de Senna Fernandes (1916-2008), designer e pintor. Conhecido como Néni – "o primo favorito da minha infância e primeiros tempos da adolescência", nas palavras do autor –, era um magnífico contador de histórias e aquele que também o terá iniciado na literatura policial. Vide o catálogo da exposição que esteve patente ao público na Galeria da Direcção dos Serviços de Turismo de 14 a 26 de Janeiro de 1992, "Bernardino de Senna Fernandes". Macau: Associação dos Antigos Alunos do Liceu Nacional Infante D. Henrique, 1992.

GRANDE PRÉMIO DE MACAU

70 anos "prego

© DIREITOS RESERVADOS

a fundo”



O Grande Prémio de Macau celebra este ano a 70.ª edição, com o regresso das taças do mundo FIA GT e Fórmula 3. Com uma história marcada por percalços e muita devoção, o evento anual reveste-se hoje de emoção a cada curva, com estrelas do presente e do futuro à procura de sucesso no lendário circuito urbano da Guia

Texto | **Sérgio Fonseca**

UM GRUPO de amigos estava longe de imaginar que o evento que se propôs a realizar naquela noite da Primavera de 1954, sentados na esplanada do Hotel Riviera, se tornasse, setenta anos depois, num dos maiores eventos do desporto motorizado do mundo.

A ideia inicial era uma caça ao tesouro com recurso a carros, tão em voga naqueles tempos, mas rapidamente o objectivo passou a ser uma simples Prova de Regularidade. Fernando Macedo Pinto, Carlos da Silva e Paulo Antas não procuravam um grande evento, até porque, na altura, só existiam cerca de 300 automóveis em Macau. Um contacto com Frank d’Almada

e Castro, director do Hong Kong Automobile Association, para pedir informações, despontou a vinda de Paul du Toit ao território. Fascinado com o que encontrou, o antigo corredor residente em Hong Kong disse que o traçado que lhe foi apresentado era digno de corridas do tipo Grande Prémio ou Le Mans.

Com a concordância do então governador de Macau e o aval do Automóvel Club de Portugal, que logo depois nomeou o seu primeiro delegado para o território, o evento tornou-se uma realidade. Ainda se colocou a hipótese de fazer uma corrida de 24 horas, mas essa ideia morreu à nascença, pois o parque automóvel era modesto e constituído por carros do dia-a-dia. O evento foi, desde logo, baptizado como Grande Prémio de Macau e o circuito, por ladear em grande parte a Colina da Guia, foi chamado de Circuito da Guia.

Tamanho foi o desafio na organização desta primeira prova que Macedo Pinto terá dito a Carlos Silva: "É a primeira e a última corrida que vamos organizar, porque nunca mais nos vão autorizar uma prova deste género".

E o quão errado ele estava...

Estrada acidentada

A primeira edição foi um êxito, tanto a nível desportivo como para a imagem e cofres de Macau. O sucesso da prova rapidamente se espalhou por outras paragens do sudeste asiático, e, perante esta onda de interesse, o Governo de Macau avançou com o asfaltamento das zonas da pista, que estavam em terra batida, e com um programa de quatro corridas: "Grande Prémio", "100 milhas handicap", "Taça das Senhoras" e uma "Corrida de Principiantes". Estava lançado o evento.

O Grande Prémio de Macau foi evoluindo com a mesma velocidade da indústria automóvel, com os regulamentos e as corridas de apoio a serem adaptados às conveniências da época, acompanhando as tendências do que se fazia além-fronteiras. Em 1962, disputou-se a primeira corrida só para monolugares, então Fórmula Júnior, mas o facto de ter reunido apenas cinco participantes fez com que não vingasse. Curiosamente, três anos depois, realizou-se em pleno Circuito da Guia uma corrida de karting – mais radical que isto só as corridas de scooters de 2003 a 2007 –, mas que também não teve repetição. O primeiro Grande Prémio de Motos só chegou em 1967 e tal foi o carinho que recebeu, que não mais saiu do programa – à excepção das edições de 2020 e 2021, devido à pandemia da COVID-19.

Apesar de o evento ter um saldo muito positivo ao longo da sua história, foram vários os episódios em que teve de enfrentar contrariedades regionais e globais, desde as crises do petróleo na década de 1970, passando ainda pelas desavenças com a Comissão Desportiva Internacional (CDI) e a Federação Internacional do Desporto Automóvel (FISA). No final da década de 1970 e início da década de 1980, o Circuito da Guia era visto

© DIREITOS RESERVADOS

Em Novembro de 1983, Ayrton Senna venceu a corrida de Fórmula 3

em Paris como demasiado perigoso e um mau exemplo em termos de segurança – isto apesar de a prova ter ganho, em 1976, o estatuto de evento reconhecido pela FISA (antes a prova era um evento internacional no calendário de provas de Portugal).

Com o declínio da Fórmula Atlantic, no início da década de 1980, Macau tentou acolher a Fórmula 2, mas a intenção foi rejeitada pela FISA, alegando falta de segurança. O inglês Barry Bland, que co-organizava as provas de monolugares, e Rogério Santos, então à frente do Leal Senado em Macau, foram obrigados a apostar na Fórmula 3, uma aposta que se revelaria um enorme sucesso, tendo por esta prova passado alguns dos mais celebrados pilotos internacionais.

Entretanto, Alfredo César Torres, o homem forte do automobilismo em Portugal, usou a sua influência junto de Jean-Marie Balestre, o então presidente do órgão federativo mundial, para sossegar os ímpetos, e dez anos depois, já com Max Moxley à frente da Federação Internacional do Automóvel (FIA) –, este organismo acabou por até fazer várias investidas infrutíferas para que Macau acolhesse um Grande Prémio de Fórmula 1.

Fechadas as portas da categoria rainha do desporto automóvel, o Grande Prémio de Macau afirmou-se com a sua prova de Fórmula 3, que ganhou o estatuto de Taça do Mundo e de Taça Intercontinental. A passagem de administração do

Estórias que o tempo (não) apagou

Muito cuidado!

Para se perceber como o Grande Prémio de Macau mudou, basta recordar o anúncio da organização na Gazeta Macaense em vésperas do primeiro evento: "Pede-se ainda a todos que tenham cães, porcos, cabritos e toda a espécie de animais para evitarem a todo o transe que os mesmos atravessem a pista porque eles podem ser igualmente a causa de desastres de funestas consequências. Não atravessem a pista! Cuidado com as vossas vidas!".

F1 em Macau

A caravana do mundial da Fórmula 1 nunca visitou Macau, mas por duas ocasiões, monolugares de Fórmula 1 rodaram no Circuito da Guia. A primeira vez que um monolugar da categoria rainha do automobilismo se fez ao asfalto do circuito citadino de Macau foi em 1977, quando o francês Patrick Tambay fez algumas voltas de exibição com o Ensign N177 Ford, um carro que pertencia à Theodore Racing do empresário local Teddy Yip. A segunda vez foi no 50.º aniversário, quando Ralph Firman, ao volante de um Jordan EJ13-Ford, percorreu o traçado da Guia em 1 minuto e 55 segundos, 18 segundos mais rápido que a "pole position" da Fórmula 3 no mesmo ano.

Preso pelas calças

Ainda na primeira edição, Fernando de Macedo Pinto, o único piloto de Macau que alinhou na prova do Grande Prémio, partiu com bastantes cautelas no seu antigo MG Special. Fez um arranque suficientemente rápido, mas foi logo ultrapassado por quase todos os adversários. É que, na emoção da partida, ficou com as calças presas na alavanca de velocidades e esqueceu-se de desengatar o travão de mão.

Nomes esquecidos

Se o Circuito da Guia, ao longo dos seus 6,2 quilómetros, está praticamente igual há 70 anos, o mesmo não se pode dizer das suas curvas que foram mudando de nome com o tempo. A mundialmente famosa Curva Lisboa foi durante muitos anos a Curva da Estátua. A igualmente célebre Curva do Mandarim nasceu como Curva do Clube Náutico. Outros nomes desapareceram com o tempo, como a Recta Clube Náutico, a Recta de Macau Seac ou a Recta da Praia, que ligava a Curva dos Pescadores à Curva R. Curiosamente, a Curva R chegou a chamar-se Curva Rothmans, dado o apoio da tabaqueira ao evento, mas reverteu mais tarde para Curva R, dado que a sua localização era usada como ponto de referência ("R") para as inspecções aquando da construção do Terminal Marítimo do Porto Exterior.

A edição deste ano do Grande Prémio de Macau volta a contar com vários pilotos internacionais

© DIREITOS RESERVADOS

O recomeço

ESTE ano o Grande Prémio de Macau sopra setenta velas e, para celebrar a data, realiza-se um fim-de-semana duplo; uma repetição do que foi feito em 1972 – e que proporcionou o aparecimento da Corrida da Guia –, em 2003 e 2013. Após três anos consecutivos em que o programa esteve limitado a corredores da República Popular da China e suas regiões administrativas especiais, 2023 marcará o regresso do evento à cena internacional.

As expectativas são altas e alicerçadas num cartaz variado, que oferece 11 corridas diferentes ao longo de dois fins-de-semana: o primeiro terá como cabeça de cartaz uma prova para os monolugares de F4 da última geração. O segundo, e principal fim-de-semana, reúne as Taças do Mundo da FIA de F3 e GT, a Corrida da Guia, que este ano é a prova final do TCR World Tour, e ainda o Grande Prémio de Motos, com alguns dos craques mundiais.

território traduziu-se numa maior aproximação à FIA, tendo Macau conseguido reunir num só fim-de-semana três Taças do Mundo – F3, Turismo e GT –, enquanto manteve a sua corrida de motociclismo, o que tornou o evento único no mundo.

Aos de cá

Sem esquecer a influência e dinâmica do empresário Teddy Yip, a quem o Grande Prémio de Macau deve muito – nomeadamente no que toca à internacionalização do evento –, as primeiras quatro décadas foram impulsionadas por residentes e entidades da vizinha Hong Kong, desde os pilotos à Hong Kong Automobile Association (HKAA), que organizava a prova. Todavia, em 1985, nascia o Automóvel Clube de Macau (ACM), agora Associação Geral Automóvel de Macau-China (AAMC), e muito iria mudar quando João Manuel Costa Antunes assumiu as rédeas do evento, em 1988. Os anos que se seguiram marcaram o fim da dependência de Hong Kong, com a construção de infra-estruturas e a formação de pessoal em Macau.

Mário Sin, o primeiro presidente do ACM e ex-membro da Comissão do Grande Prémio de Macau, recorda, porém, que nem tudo foi fácil: "Aquando da passagem da organização desportiva do HKAA para o ACM, a organização desportiva de Macau não estava preparada. Éramos muito dependentes do HKAA e nessa altura o know-how não era transmitido

para a organização desportiva de Macau, concentrando-se somente nos comissários de pista".

Perante esta fragilidade, conta, foram logo solicitar ao Automóvel Clube de Portugal que lhes desse formação em Macau e assistência na organização do Grande Prémio de Macau. "A parte mais difícil foi a formação de grupos de pessoas para a direcção da prova e comissários para áreas e tarefas específicas para o funcionamento do Grande Prémio. O foco noutras áreas foi-se fazendo ao longo de vários anos", conta Mário Sin.

Mas não foi só no campo desportivo que os de cá assumiram as despesas do evento. A TVB Pearl, de Hong Kong, foi a responsável pelas transmissões televisivas até 1984. A Teledifusão de Macau (TDM) é inaugurada em Maio desse ano e, em Novembro, junta-se à TVB para se estrear na cobertura do evento, cedendo três câmaras. Em 1985, a transmissão já foi feita em parceria, com sete câmaras para cada uma das estações. No ano seguinte, a TDM assume a função de "transmissora anfitriã" do Grande Prémio de Macau, papel que conserva até aos dias de hoje.

Circuito intemporal

No que começou por ser uma celebração de entusiastas dos automóveis, em que até os militares serviam de comissários de pista, o evento actual cumpre as mais altas exigências de um desporto profissional e altamente tecnológico. Os carros e motos estão cada vez mais rápidos, e todos os anos são introduzidas novas medidas de segurança. O Circuito da Guia, no entanto, está praticamente inalterado desde o primeiro dia.

Ao longo do tempo foram apresentadas e estudadas várias propostas alternativas ao Circuito da Guia, desde uma mudança para a Taipa ou para a zona do Cotai, até à construção de um autódromo permanente. "Houve de facto muitas pessoas que não gostavam do Grande Prémio e que queriam que este fosse realizado fora da península de Macau, devido aos inconvenientes criados no trânsito durante os dias do evento", diz Mário Sin.

"Ninguém pensou na sustentabilidade da manutenção do circuito e nos custos que porventura iriam aparecer", isto para além da descaracterização que iria ter o evento, pois o Circuito da Guia tem "fama mundial por ser um circuito citadino em que ninguém pode treinar durante o ano", acrescenta.

"Se tivéssemos um circuito permanente em Macau, o Grande Prémio perderia as suas características e especialmente o interesse para os corredores internacionais de virem cá desafiar as suas capacidades", defende Mário Sin.

Em 1988, não havia praticamente instalações e o centro de imprensa e o apoio aos pilotos funcionavam em compartimentos de madeira debaixo das árvores. O piloto britânico e ex-apresentador do Top Gear, Tiff Needell, chegou a recordar a ironia dos anos 1970, em que as equipas trabalhavam paredes meias com os abrigos dos

© DIREITOS RESERVADOS

Depois da vitória no Circuito da Guia, em 1990, Michael Schumacher estreou-se na Fórmula 1

refugiados vietnamitas. Em 1993, ergueu-se o edifício em frente ao Terminal Marítimo do Porto Exterior, que hoje é o centro nevrálgico do Grande Prémio de Macau, e foi construída uma nova Torre de Controlo em 2013. O antigo paddock era na "Curva do Mandarim", onde a antiga Torre de Controlo ainda está, como testemunho desses tempos.

Embora muitos pilotos descrevam o traçado de Macau como um dos mais exigentes circuitos citadinos onde alguma vez correram, a magia da prova e a exigência da pista foram sempre um forte atractivo.

Durante anos, a corrida de F3 chegou mesmo a ser considerada fundamental para os corredores que sonhavam em chegar ao patamar mais alto do automobilismo – em alguns anos, a maioria da grelha da F1 era constituída por pilotos que passaram pelo tortuoso circuito do Grande Prémio de Macau.

O que mudou

O Grande Prémio de Macau sempre teve uma fortíssima componente local, principalmente a partir dos anos 1980. A contrastar com a chegada das poderosíssimas equipas de fábrica – a primeira foi a Alpine, em 1969 –, deu-se a democratização do desporto. As corridas de apoio de motociclismo, entretanto já extintas, e as corridas de carros de turismo permitiram a muitos amadores cumprir o sonho de correr no Circuito da Guia. Na altura, bastava pequenas alterações para que carros e motos de estrada pudessem participar na prova. No entanto, a profissionalização do desporto e as novas tecnologias têm tornado mais difícil a vida aos pilotos amadores.

"Comecei a correr de mota" em 1976, rememora Belmiro Aguiar, multi-vencedor da corrida de iniciados de duas rodas. "Naquela altura, só gastei na prestação da mota e consegui um bom resultado e boas classificações. A seguir, surgiu a oportunidade de ser patrocinado pela Yamaha de Macau e correr como piloto da casa sem pagar e com a oferta de equipamento pessoal", recorda.

Depois, vieram os carros. "Aprendi mecânica com o meu mestre, o Sr. Teixeira, e tenho um amigo que tem uma oficina na Ribeira do Patane. Comecei a modificar um Nissan para correr e assim me iniciei" nas corridas de carros, explica Belmiro Aguiar, que continua a ser presença habitual na prova, mas agora do lado de fora do circuito.

Rui Valente, outro piloto com uma história de quatro décadas ligadas ao Grande Prémio de Macau – e que ainda corre no Circuito da Guia –, reconhece: "Para nós, os mais velhos, existe sempre uma saudade do que era o Grande Prémio".

Mas acrescenta: "Porém, o passado pertence ao passado e o futuro está nas nossas mãos, e não vale a pena estarmos a comparar o antigamente com o presente. Se me perguntarem se tenho saudades do Grande Prémio antigo, claro que tenho! Eram outros tempos, em que quase tudo o que acontecia era facilitado para o conforto e bem-estar de todos os pilotos, organização e o público em geral. As carolices de quem o dirigia, e aquela grande vontade de o fazer bem e cada vez melhor, tornaram o evento no que é actualmente. O Grande Prémio do

© DIREITOS RESERVADOS

A Corrida da Guia atraiu a Macau alguns dos principais pilotos de carros de turismo

O renovado Museu do Grande Prémio de Macau reabriu portas em 2021

© DIREITOS RESERVADOS

Um museu para todos

Foi com pompa e circunstância que o Museu do Grande Prémio de Macau abriu portas há precisamente 30 anos. Hoje, e após uma renovação completa, reúne um dos espólios mais variados de viaturas de competição do sudeste asiático, num espaço amplo e moderno. No museu, pode-se encontrar desde a réplica que venceu a primeira edição, em 1954, até aos monolugares de F3, motas e carros de Turismo e GT que escreveram capítulos da história do evento ao longo de sete décadas.

Graças à colaboração entre a Direcção dos Serviços de Turismo e o Museu de Cera de Hong Kong da Madame Tussauds, estão expostas oito estátuas de cera de grandes nomes do automobilismo e motociclismo mundial que passaram pelo Circuito da Guia – cinco delas foram produzidas especialmente para esta colaboração, nomeadamente as de John MacDonald, Ron Haslam, Michael Rutter, Rob Huff e Edoardo Mortara, sendo que as restantes estátuas, de ícones como Ayrton Senna, Lewis Hamilton e Sebastian Vettel, foram reformuladas.

Apadrinhado pela mascote do turismo de Macau, "Mak Mak", o revitalizado museu proporciona uma visão única de uma "Moto Desconstruída", a possibilidade de realizar um "pit stop" num monolugar, mas também experiências únicas para toda a família, com os simuladores de última geração, sendo que, no caso das motas, recorre-se à utilização de sofisticados capacetes de realidade virtual.

Ao todo, o remodelado museu ocupa agora uma área total de cerca de 16.000 metros quadrados – seis vezes maior do que o espaço original – e a história do evento é ainda celebrada com um mural do artista português Alexandre Farto, também conhecido como Vhils, que presta homenagem ao piloto brasileiro Ayrton Senna, vencedor, em 1983, da prova de F3 do Grande Prémio de Macau.

Mais do que um museu para aficionados dos desportos motorizados, este espaço é hoje uma ferramenta para promover a cidade, aprofundando continuamente a integração intersectorial da iniciativa "turismo + desporto", em articulação com a estratégia de desenvolvimento e diversificação adequada da economia do Governo da Região Administrativa Especial de Macau.

antigamente fazia lembrar aquelas festas de família, e o actual, os bailes de gala".

O estatuto internacional que ganhou a prova teve impacto na redução das corridas pensadas para os pilotos da terra, mas estes, mesmo assim, ainda conservam o seu espaço no evento. "A profissionalização tem um preço, há que pagar a factura", salienta Rui Valente, que é um dos pilotos com mais participações no evento e que continua a lutar por lugares de honra nas provas de carros de Turismo, porque, explica, o que mais lhe interessa "é participar": "Pois o bichinho ainda cá anda".

© DIREITOS RESERVADOS

A prova de motociclismo, cuja primeira edição foi realizada em 1967, é um dos principais atractivos do evento

Os segredos das duas rodas

Num circuito de elevado risco, a continuidade da prova de motos no programa tem sido um desafio ao longo dos anos. Se as corridas amadoras foram gradualmente eliminadas, uma grande aposta na segurança e no profissionalismo tem permitido que a prova principal sobreviva ao passar dos anos.

"Eu diria que houve dois factores importantes na evolução desta corrida", explica Carlos Barreto, que durante mais de duas décadas foi director de corrida do Grande Prémio de Motos de Macau. "Existe hoje uma maior maturidade dos pilotos e das equipas convidadas – o recital do Kevin Schwantz em 1988 é bonito na televisão, mas é de alto risco para quem anda lá dentro. Nos últimos anos, as equipas têm vindo mais mentalizadas para a dureza e exigência da prova, os pilotos mais experimentados e mais focados para o grau de dificuldade."

A selecção dos pilotos convidados está muito mais rigorosa, pois "o processo de selecção a partir de 2012, baseado na experiência dos circuitos de Isle of Man TT, North West 200, Ulster Grand Prix, International Road Racing Championship e Macau, bem como no carácter dos pilotos dentro e fora do circuito e nos relatórios de acidentes e maleitas, permitiram uma escolha o mais adequada possível" ao programa de Macau, refere Carlos Barreto, o primeiro colaborador do Automóvel Clube de Macau (agora AAMC) a receber, em 1993, a licença desportiva da Federação Internacional de Motociclismo (FIM) como director de prova e comissário desportivo.

Por outro lado, salienta, houve uma natural evolução registada ao nível da segurança, que "começou no tempo de Mike Trimby, mas registou uma evolução assinalável nos últimos 12 a 15 anos, desde logo com a alteração do formato da grelha (de 4-4-4 para 3-3-3), a montagem de barreiras mais seguras para os pilotos, pilares protegidos com espuma, o uso de pó absorvente em vez do cimento, as marcas rodoviárias bem raspadas para aumentar a aderência nessas zonas". Além disso, acrescenta Carlos Barreto, "outros aspectos, como uma boa comunicação com todos, sem diferenciar as equipas mais profissionais das outras, a entreajuda, a integração de colaboradores conhecidos dos pilotos e uma boa conjugação destes factores ajudaram a elevar a qualidade do evento".

集郵訂購

SUBSCRIÇÃO FILATÉLICA 2024

PHILATELIC SUBSCRIPTION

訂購地點：
Local de Subscrição:
Location for Subscription:

各郵政分局
Todas as Estações Postais
All Post Offices

集郵微信 QRcode

快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU
電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491　傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603
電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo　網址 Website: http://philately.ctt.gov.mo

澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau

集郵 MACAU, CHINA 澳門 中國 FILATELIA

a minha cidade

PELA MARGINAL DA MEMÓRIA, UMA

ROMAGEM PESSOAL

No planisfério sentimental de **Leonel Alves**, um lugar há que se alça acima de todos os outros. O advogado, membro do Conselho Executivo e antigo deputado à Assembleia Legislativa, cresceu, no final da década de 1950 e início da década de 1960, na Meia-Laranja, e as memórias que guarda do trecho final da Avenida da República são douradas e cordiais como o incêndio celeste que iluminava o horizonte nos poentes da sua infância

Texto | **Marco Carvalho**

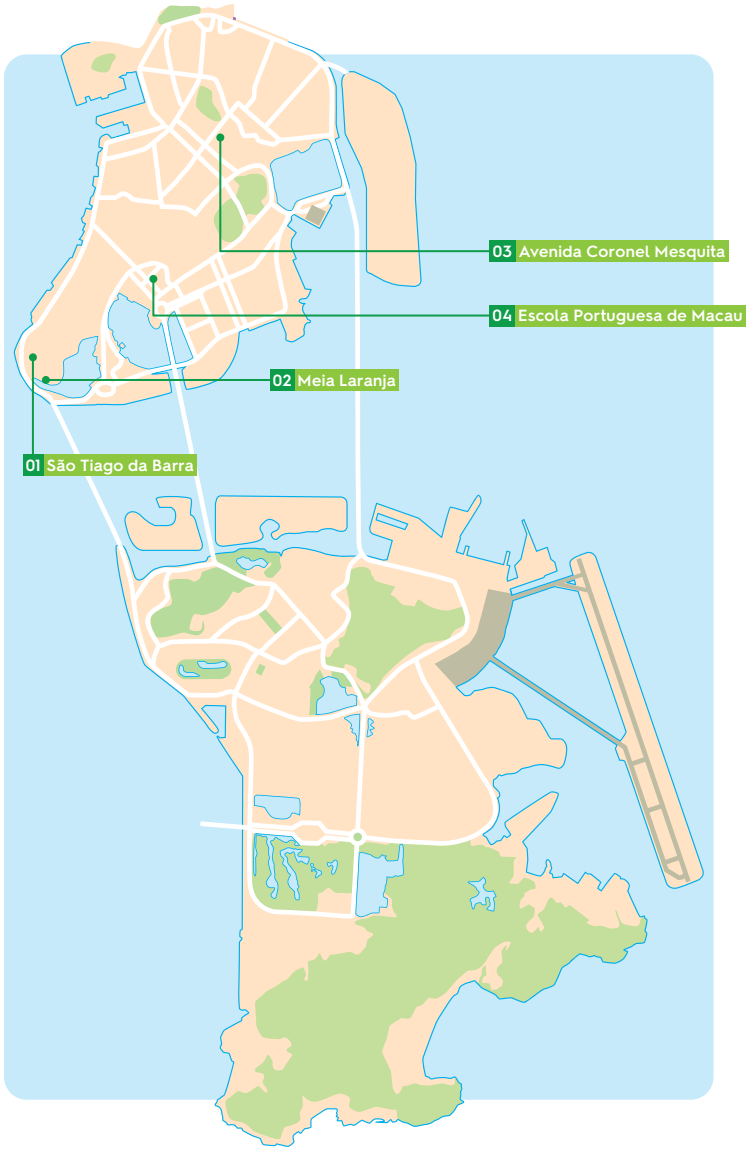
Fotografia | **Leong Sio Po**

LEONEL ALVES regressa com frequência onde foi feliz. Da Avenida da República guarda memórias aquilinas "de uma infância muito bem vivida". Tão bem vivida que a Meia-Laranja se tornou ponto de romagem habitual para o advogado, se mais não for pelo inconfundível perfume das banyans e pelas janelas que abre para o passado.

"É necessário proteger esta semicircunferência que é a Meia-Laranja e salvaguardar esta ambiência que vai do Bela-Vista até à Barra ou, pelo menos, até à Fortaleza de São Tiago. Esta zona é privilegiada. Faz parte de Macau, faz parte da história de Macau e das vivências que Macau teve ao longo dos séculos. Não podemos esquecer que Macau começou exactamente nesta zona da Praia Grande e da Avenida da República. Esta ambiência deve ser preservada porque é a génese e a essência de Macau", salienta.

a minha cidade

01 Um lastro de fogo na brisa da tarde



NÃO FOI IMEDIATA, a epifania. Quando regressou a Macau em 1982, depois de concluída a licenciatura em Direito na Universidade de Lisboa, Leonel Alves deu por si acometido por uma inesperada nostalgia. Não é que se sentisse estrangeiro na sua própria cidade, mas uma inquietude crescente apequenava-lhe a calma. Um certo clamor de ausência insinuava-se com insondável perseverança sempre que lançava os olhos ao horizonte, amplo como sempre, mas depurado e vazio.

"Sentia falta de alguma coisa e não sabia explicar a mim próprio o que era. Passados uns tempos, cheguei à conclusão que faltava o quê? Faltava exactamente a vista dos juncos chineses que voltavam da faina, ao final da tarde, com o pôr-do-sol. Era isso que me faltava. Eram as velas dos juncos e os barcos a regressarem. Mas só me apercebi disso anos depois", reconhece Leonel Alves.

Em nenhum outro lado a visão do cortejo fluvial – o velame beijado pelo sol imorredouro e fecundo do final da tarde – era tão inebriante e magnânimo como no extremo da península, onde as águas pardas do Porto Interior se lançavam na vertigem do Delta, aos pés de São Tiago da Barra. A vetusta fortaleza que nos primeiros anos da década de 1980 ganhou novo fôlego e novo nome foi vezes sem conta, nos anos privilegiados da meninice, recreio e refúgio de Leonel Alves.

"O meu pai tinha muitos conhecidos entre os militares, que viviam na fortaleza, e eu passei um tempo considerável da minha juventude a jogar à bola nos terrenos do quartel, muitos anos

antes de a pousada existir. Havia os aquartelamentos e havia a capela, onde se realizava, a determinada altura do ano, uma novena. Frequentávamos essa novena, até porque para lá ir, só tínhamos de caminhar umas dezenas de metros", recorda.

02 Meia-Laranja com Coca-Cola

"NA AVENIDA DA REPÚBLICA o cheiro é inconfundível. Sempre que passo por cá e me demoro um pouco à sombra destas figueiras-da-índia, os tempos antigos vêm-me de imediato à memória", confidencia Leonel Alves, na candura do miradouro da Meia-Laranja, de onde costumava acenar, nos longínquos dias da infância, aos ferries que rumavam a Hong Kong. Nascido a 5 de Abril de 1957, foi ali, na marginal da Avenida da República – as águas turvas do Rio das Pérolas a arrulhar de mansinho onde Macau findava – que viveu os dez primeiros anos "de uma meninice bem vivida".

"Era um local muito distante do centro da cidade. Sentíamo-nos um tanto ou quanto fora do contexto urbano de Macau e tínhamos muito poucos vizinhos, o que não é propriamente habitual numa cidade. Entre eles estava Oseo Acconci e a família, que ocupavam o rés-do-chão e o primeiro andar do edifício onde eu cresci. A minha infância foi passada num contexto muito fechado, muito pacato, mas muito feliz", assegura.

"Passávamos aqui o tempo. Jogávamos à bola, aprendemos aqui a andar de bicicleta, tínhamos o rio aqui à porta e pescávamos. Na época do Ano Novo Chinês queimávamos panchões. Era uma zona privilegiada para esse efeito. Na altura do Grande Prémio, os carros circulavam pela cidade, inclusive os de Fórmula, e estacionavam aqui, na Meia-Laranja. Do outro lado da rua havia um hotel maravilhoso, chamado hotel Caravela, onde ficavam alojados sobretudo turistas japoneses. Vínhamos ao Caravela beber uma Coca-Cola e era assim que rematávamos as nossas sessões de brincadeira", complementa Leonel Alves.

03 Do idílio à impermanência

OS ANOS PASSADOS no trecho final da Avenida da República – os olhos postos com mais frequência na fronteira ilha da Lapa e no fio do horizonte do que propriamente no Senado ou na Guia – foram tão impactantes que ainda hoje Leonel Alves regressa sempre que lhe é possível à serenidade da Meia-Laranja.

Arredada da orla, a vetusta marginal preservou os curvilíneos contornos que a transformaram numa das mais pitorescas artérias da cidade e o charme intemporal do empedrado e a frescura das banyans são como que janelas abertas para os anos d'ouro da infância.

"Pode parecer mentira, mas faço o possível por passar por aqui todos os dias de manhã, sempre que venho da Taipa, onde resido, para Macau. É uma espécie de romagem de saudade que faço na medida do possível. Vivi cá tempos muito intensos", admite.

A um recanto idílico quase na órbita da península, segue-se a vertigem de uma cidade em expansão acelerada. Aos dez anos, Leonel Alves muda-se com a família para o já desaparecido Bairro Albano de Oliveira, a meio termo entre o templo de Kun Iam Tong e o Colégio D. Bosco. A mudança para a zona da Avenida Coronel Mesquita – menos bucólica, mas igualmente típica – escancara as portas a um novo ciclo e acelera o adeus à infância.

"A minha família mudou-se para o bairro Albano de Oliveira, perto do Colégio D. Bosco. Era um conjunto de oito moradias de arquitectura ocidental, um bairro muito típico onde moravam várias famílias macaenses, portuguesas e cabo-verdianas. Passei lá uns bons cinco, seis anos, que coincidiram com o período em que frequentei o ensino secundário, primeiro na Escola Comercial e depois no Liceu", recorda o causídico.

04 Aprender com os mestres

LEONEL ALVES assume-se como saudosista. A nova Macau, a dos hotéis colossais e do pastiche arquitectónico, não tem lugar na sua geografia sentimental, não tanto por razões de foro estético, mas porque aquilo de que sente falta na Macau de antigamente não é tanto dos lugares e do património edificado, mas das circunstâncias e das pessoas que as urdiram.

Veja-se o caso da Escola Comercial Pedro Nolasco, que se transmutou em Escola Portuguesa de Macau. As duas entidades sobrevivem no imaginário colectivo de diferentes gerações como realidades estanques e inconfundíveis. A realidade que conheceu na extinta Escola Comercial, pela mão de mestres como Henrique de Senna Fernandes ou José Silveira Machado, teve uma influência profunda no seu percurso pessoal.

"Outra zona de que guardo-boas memórias é, exactamente, a zona onde se situa agora a Escola Portuguesa de Macau. Na altura era a Escola Comercial Pedro Nolasco. Estudei lá cinco anos. Depois transitei para o Liceu e, para além destes dois estabelecimentos, também estudei no Colégio de Santa Rosa de Lima. Fiz o triângulo dos três estabelecimentos", revela Leonel Alves.

Dos três, o mais marcante, assume, é a Escola Comercial. O estabelecimento de ensino ofereceu ao antigo deputado a possibilidade de privar de perto com personalidades maiores-que-a-vida.

"Gostei muito de Henrique de Senna Fernandes. Foi meu professor de história. Influenciou-me não propriamente na escolha do Direito, mas na arte de falar e de comunicar. Também fui aluno do professor Silveira Machado, que me ensinou as primeiras noções do comércio e do professor Amorim, com quem aprendi contabilidade", recorda. "Essas noções de contabilidade ainda hoje me são úteis na vida profissional. Quando tenho algum litígio que envolve conhecimentos contabilísticos, obviamente que me recordo daquilo que aprendi na altura", remata Leonel Alves.

Escola Portuguesa de Macau

UMA PAIXÃO QUE ATRAVESSA GERAÇÕES

Primeiro com relutância, depois com paixão. **Palmira Pena** assumiu a cozinha e a gestão do restaurante "O Manuel" e o que inicialmente se prefigurou um encargo rapidamente se tornou numa fonte de realização pessoal. Manter intocada a reputação que o restaurante forjou ao longo de três décadas exige dedicação, mas a jovem chef desencanta, ainda assim, tempo para o que entende ser uma missão: divulgar a gastronomia macaense

gastronomias

Texto | Marco Carvalho
Fotografia | Wong Sio Kuan

FILHA de peixe sabe nadar. O adágio ilustra na perfeição o percurso de Palmira Pena entre panelas e tachos, mas o que agora se afigura como um desenlace evidente e uma verdade insofismável poderia muito bem não o ter sido. A mesma cozinha que hoje navega com desembaraço e naturalidade – a do restaurante "O Manuel", na ilha da Taipa – acobertou ausências e foi, nos verdes anos da infância, fonte de inquietude, de desilusão e de mágoa, assume a jovem chef.

"Para ser honesta, quando era mais nova não era exactamente isto que eu queria seguir e que me via a fazer. Crescer num restaurante é complicado. O normal é os pais não terem tempo para os filhos e eu ficava um pouco triste, recorda Palmira Pena.

O fruto, porém, nunca cai longe da árvore. Malgrado o desamparo da infância e o leve desdém que as lides da cozinha a determinada altura lhe inspiraram, Palmira Pena rumou a Montreux, na Suíça, para estudar gestão hoteleira.

"Quando fui para a Suíça estudar hotelaria era mesmo para trabalhar num hotel, como, de resto, aconteceu. O curso que frequentei abrangia gestão de negócios, gestão de cozinha, um pouco de tudo. Os meus primeiros empregos em Macau foram em hotéis, passei por vários. Fiz, inclusive, a abertura de algumas propriedades no território, hoje em dia bastante conhecidas", sustenta a jovem chef. "Um dia chegou, no entanto, em que o meu pai se virou para mim e disse: 'Pronto, tenho de me reformar. Não posso ficar aqui o resto da vida a trabalhar. O que é que achas de voltares para o restaurante e dares continuidade ao que eu comecei?", recorda.

EM NOME DO PAI

O que Manuel Pena começou, em 1992, não é coisa pouca. Situado mesmo à entrada da Rua Fernão Mendes, antes ainda da pitoresca artéria se abalançar pelo coração da Taipa Velha, o restaurante "O Manuel" construiu, ao longo das três últimas décadas, uma reputação sólida como ponto de passagem incontornável para quem quer descobrir ou matar saudades dos mais genuínos sabores da gastronomia tradicional portuguesa.

O fiel amigo, confirma Palmira Pena, está entre as iguarias mais solicitadas: "O bacalhau tem sempre muita saída. Mas as amêijoas, o arroz de marisco e os grelhados também são muito procurados. Os grelhados são uma das imagens de marca do restaurante e saem muito, mas o mais interessante é que, neste momento, os nossos clientes começam a gostar mais de guisados, como favas, que é um prato que não é fácil degustar. No entanto, eles querem entender um pouco mais sobre esta oferta, querem experimentar coisas novas", ilustra a coproprietária do estabelecimento.

Arrastados pela popularidade crescente nas redes sociais e pelos comentários positivos de quem já se sentou à mesa do pequeno estabelecimento, os comensais chegam sobretudo de fora de Macau. Para muitos, a experiência, pela mão de Palmira Pena, constitui o baptismo de fogo no universo dos sabores portugueses.

"Desde que começaram a promover Macau como Cidade Criativa da UNESCO em Gastronomia que se nota um aumento dos turistas que procuram o restaurante. Os nossos clientes, praticamente, são de fora de Macau, sobretudo do Interior da China e de Hong Kong. Tirando alguns clientes regulares, que vêm cá há 20 ou 30 anos, temos sobretudo muita procura turística, atesta Palmira Pena.

PAIXÃO E MISSÃO

Para o reforço da visibilidade e do bom nome internacional do restaurante contribuiu também o envolvimento, cada vez mais frequente, da jovem chef em iniciativas de promoção do potencial gastronómico de Macau, dinamizadas quer pela Direcção dos Serviços de Turismo, quer por entidades do sector. Nos anos que precederam a pandemia da COVID-19, Palmira

O restaurante O Manuel foi aberto em 1992 pelo pai de Palmira Pena

Pena esteve por duas vezes na Austrália, onde deu a conhecer alguns dos pratos mais procurados de "O Manuel", mas também um pouco daquilo que é a riqueza da gastronomia macaense.

"No restaurante não servimos comida macaense, mas se for por reserva, eu preparo. Se alguém me disser 'quero um bafassá' ou 'quero um minchi' ou 'quero uma capela', eu meto mãos na massa e faço. E faço porque não há muitos jovens chefs dispostos a dar continuidade ao legado da gastronomia macaense", sustenta.

Filha de mãe chinesa e de pai português, macaense de primeira geração, a jovem cozinheira vê como fulcral a revelação e o fomento de um património que está, directa ou indirectamente, vincado ao seu ADN e à sua percepção do mundo.

"Para ganhar experiência e para conseguir chegar onde cheguei, fui bater à porta de algumas pessoas que conhecem bem a culinária macaense. Há certas pessoas – a chef Neta Manhão e a senhora Filomena da Costa, por exemplo – a quem eu estou imensamente grata, porque me ensinaram e divulgaram aquilo que sabem. Foram fundamentais para que eu pudesse cultivar a minha técnica, aprofundar a minha sabedoria e pudesse levar a gastronomia macaense a vários locais do mundo", complementa Palmira Pena.

A cruzada pessoal em que embarcou para se familiarizar de forma mais convicta com um património que considera emocionalmente seu, é também, sustenta a jovem chef, a forma mais imediata de zelar pelo futuro de um saber multissecular e de contrariar equívocos. A gastronomia macaense nunca recebeu tanta exposição como hoje, mas também nunca esteve tão sujeita a ambiguidade, avisa a chef. "O que eu gostava mesmo é que as autoridades de Macau pudessem educar quem nos visita para que as pessoas pudessem saber qual é a diferença entre a culinária portuguesa, a culinária macaense e a culinária que se faz em Macau."

Como o sangue é mais espesso do que a água, o enfado de outrora deu lugar à admiração e à convicção de que, mais do que um legado de família, a mítica cozinha é um amor para a vida toda.

"O meu pai para mim é um herói. Tanto ele, como a minha mãe. Foram eles que me ensinaram tudo o que sei sobre cozinha. Hoje sei bem o quão exigente é manter um restaurante de pé, mas vou continuar até não conseguir mais. Até chegar à idade do meu pai, se calhar", remata Palmira Pena.

roteiro

+EXPOSIÇÃO

Arte na encruzilhada tecnológica

De que forma a inteligência artificial desafia a arte e transforma a criação artística? Esta é a interrogação basilar a que as exposições "Livro da Revelação de ___" e "O Segredo da Flor de Ouro" se propõem dar resposta. Seleccionadas no âmbito do "Projecto de Curadoria Local", as mostras integram o cartaz da edição de 2023 da Bienal Internacional de Arte de Macau.

Com curadoria de Chang Chan e obras de Wong Weng Cheong e Lam Pok Yin, "O Segredo da Flor de Ouro" recorre a instalações e vídeos dos artistas, para explorar a forma como o desenvolvimento tecnológico altera não apenas a vivência artística, mas também a experiência de vida das pessoas.

De um mesmo modo, a mostra colectiva "Livro da Revelação de___" recorre "a uma variedade de meios experimentais e criações baseadas na investigação, para ilustrar o impacto da inteligência artificial e da big data na geração actual, levando o público a reflectir sobre a relação entre a tecnologia moderna e as crenças tradicionais".

"O Segredo da Flor de Ouro"

LOCAL Albergue da Santa Casa da Misericórdia
DATA Até 30 de Novembro
HORÁRIO Diariamente entre as 10 e as 18 horas
PREÇO Entrada Gratuita

"Livro da Revelação de __"

LOCAL Galeria Lisboa
DATA Até 30 de Novembro
HORÁRIO De Terça-Feira a Domingo, entre as 12 e as 19 horas
PREÇO Entrada Gratuita

MAIS INFORMAÇÃO

+EVENTO

Macau, um itinerário musical

Melodias de Macau, de hoje e de sempre. É o que propõe a Ópera Nacional da China na noite de 12 de Novembro, com "Lótus Dourado – Canções Originais de Macau em Concerto". Promovido pelo Ministério da Cultura e Turismo da República Popular da China e pela Secretaria para os Assuntos Sociais e Cultura do Governo da RAEM, o espectáculo assinala, com mais de um mês de antecedência, o 24.º aniversário do regresso do território à soberania chinesa e é o último dos quatro concertos da Temporada de Espectáculos de Companhias de Arte Nacionais em Macau.

© DIREITOS RESERVADOS

Ao longo de 90 minutos vão ser recriadas algumas das mais conhecidas melodias locais.

Os temas vão ser apresentados por intérpretes da Ópera Nacional da China, mas também por uma dezena de cantores do território. No concerto vão poder escutar-se as vozes de alguns dos mais conhecidos artistas locais da actualidade, como Giulio Acconci, Long Chi Lam, Pang Weng Sam, Liu Naiqi, Lei Ka Fu, Ao Ieong Iat Wa, Cátia de Jesus Pinto, Iong Ian Ian e José Chan Rodrigues.

Lótus Dourado – Canções Originais de Macau em Concerto

LOCAL Grande Auditório do Centro Cultural de Macau
DATA 12 de Novembro, 19h30
PREÇO Entre 100 e 200 patacas

MAIS INFORMAÇÃO
https://www.icm.gov.mo/pt/events/detail/10091

+LIVRO

Grande Prémio de Macau, viagem por uma paixão

Vítor Hugo de Lemos não sabia conduzir e nunca teve verdadeiramente o ensejo de aprender, mas a circunstância em nada diminuiu a magnitude da paixão que o desporto automóvel desde cedo lhe inspirou.

Ao longo das primeiras 25 edições da principal prova regular do calendário desportivo do território, reuniu milhares de fotografias, autógrafos, recortes de imprensa, bilhetes e outros materiais relacionados com as corridas automóveis no Circuito da Guia e é este valioso acervo que está na origem do livro "Grande Prémio de Macau 1954 – 1978".

A obra, cujo primeiro volume foi lançado em Outubro por Carlos de Lemos com o propósito de homenagear o pai, agrega mais de duas centenas de fotografias e propõe um périplo visual pela memória dos "anos dourados" do Grande Prémio de Macau.

O segundo volume, com material alusivo aos anos compreendidos entre 1967 e 1978, deve ver a luz do dia em 2025.

"Grande Prémio de Macau 1954-1978: Volume 1 (1954-1966)"

AUTORIA Carlos de Lemos
CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA Álbum Fotográfico
IDIOMA Português, Chinês e Inglês
PÁGINAS 276
EDITOR Edição de Autor

+NA REDE

Henrique de Senna Fernandes – Na Ponta da Caneta

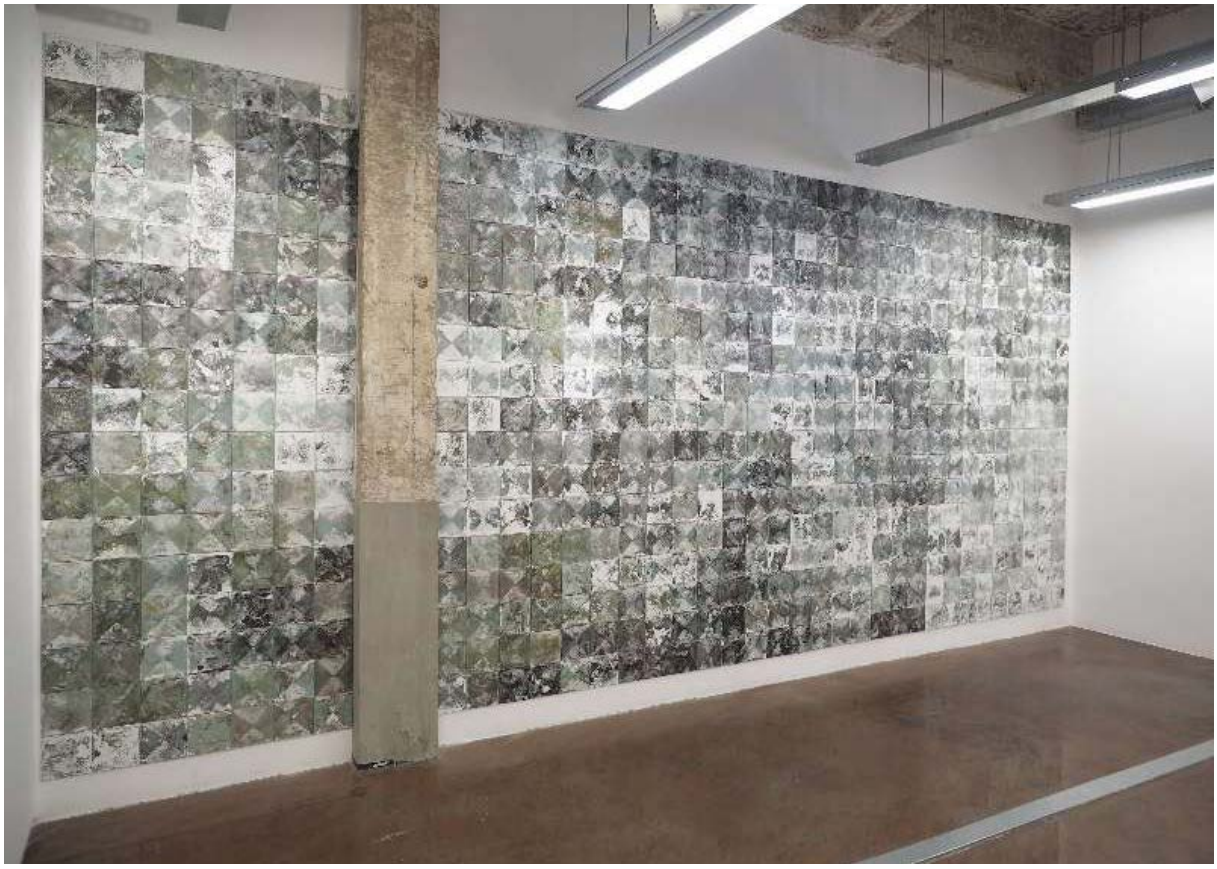
Henrique de Senna Fernandes foi advogado, professor, mas acima de tudo um escritor macaense que marcou o panorama literário da escrita de Macau em língua portuguesa. Com uma obra assinalável, conta com dois romances adaptados ao cinema (A Trança Feiticeira e Amor e Dedinhos de Pé), e os seus livros aludem recorrentemente a espaços que fazem parte do imaginário macaense.

Por ocasião do centenário do seu nascimento, em Outubro, o Instituto Cultural de Macau homenageia este "filho da terra" pelo seu notável contributo para Macau. A exposição intitulada "Na Ponta da Caneta – Exposição Online pelo 100.º Aniversário do Nascimento de Henrique de Senna Fernandes", está patente desde 13 de Outubro na página electrónica da Casa da Literatura de Macau, apresentando mais de 132 obras ligadas ao escritor que faleceu em 2010.

A exposição temática online permite – sem os constrangimentos do tempo e do espaço – que o público conheça melhor Henrique de Senna Fernandes; não só o homem, mas também o valor literário das suas obras e as suas realizações culturais.

ORGANIZAÇÃO Instituto Cultural de Macau
CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA Literatura
IDIOMA Português, Chinês e Inglês

WEBSITE
https://www.clm.gov.mo/Henrique/#/pt/home



"A MATRIZ DA MEMÓRIA" (2018)
Instalação à base de pinturas a óleo

Lai Sio Kit

NASCIDO em Macau em 1983, Lai Sio Kit é hoje artista a tempo inteiro, embora também esteja ligado ao campo da educação artística e à curadoria de exposições. Licenciou-se em pintura a óleo numa das mais prestigiadas escolas de arte da China, a Academia Central de Belas Artes de Pequim, tendo depois completado um mestrado na mesma área também naquela instituição.

No currículo, conta com mais de duas dezenas de exposições individuais, de Macau a Lisboa, passando por Pequim e Xangai. Além disso, o seu trabalho já esteve exposto em paragens tão díspares como Paris, Taipei, Nova Iorque ou Osaka. A sua obra está representada na colecção do Museu de Arte de Macau, bem como no espólio da Fundação Oriente e do Banco da China, entre outras colecções privadas.

相約澳門 中葡文化藝術節
Festival de Artes e Cultura entre a China e os Países de Língua Portuguesa

ENCONTRO EM MACAU

5.º ENCONTRO EM MACAU

Festival de Artes e Cultura entre a China e os Países de Língua Portuguesa

IC Art 藝文棧 澳門文化局IC

2023
GEG Festival da Lusofonia
10/27-29

Exposição de Livros Ilustrados em Chinês e Português
10/27—11/05

Relações - Exposição Anual de Artes entre a China e os Países de Língua Portuguesa
2023/10/28
—
2024/01/01

Concerto de Camané com a Orquestra Chinesa de Macau
11/18

Workshop de Prova de Vinhos
11 /12, 19

Festival de Cinema entre a China e os Países de Língua Portuguesa
11/10-24

GEG Espectáculos de Música e Dança Tradicional na Comunidade
11/04-05

2023
OUT-DEZ

www.icm.gov.mo/FCP

Patrocínio 澳門特別行政區政府社會文化司 Secretaria para os Assuntos Sociais e Cultura do Governo da Região Administrativa Especial de Macau Secretariat for Social Affairs and Culture of the Government of the Macao Special Administrative Region
Organização 澳門特別行政區政府文化局 INSTITUTO CULTURAL do Governo da Região Administrativa Especial de Macau
Apoios 澳門特別行政區政府旅遊局 DIREÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO MACAO GOVERNMENT TOURISM OFFICE TDM 澳廣視 AIR MACAU 澳門航空

www.macau.grandprix.gov.mo